



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio

Construção de pontes: O envolvimento familiar em contexto de Creche e Jardim-de-Infância

Daniela Vieira Gouveia Neves

Orientador(es) | Maria Assunção Folque

Évora 2025





Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio

**Construção de pontes: O envolvimento familiar em contexto
de Creche e Jardim-de-Infância**

Daniela Vieira Gouveia Neves

Orientador(es) | Maria Assunção Folque

Évora 2025





O relatório de estágio foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Isabel Fialho (Universidade de Évora)

Vogais | Ana Artur (Universidade de Évora) (Arguente)
Maria Assunção Folque (Universidade de Évora) (Orientador)

Évora 2025



*“É preciso uma aldeia inteira
para
educar uma criança”*
(Provérbio africano)

Agradecimentos

A elaboração deste relatório de estágio significa para mim mais uma etapa concluída na minha vida. Chegou ao fim um dos ciclos mais significativos e este relatório é o espelho de todos os esforços e dedicação que percorri ao longo deste caminho. Durante todo este processo desenvolvi as minhas capacidades enquanto pessoa e futura profissional de educação, onde me vi a incentivar-me para melhorar dia após dia. Esse crescimento e incentivo refletiu-se em pequenas conquistas diárias: na forma como refletia sobre a minha prática, na forma como interagia e escutava as crianças e famílias, na confiança em mim própria para enfrentar os desafios, e também na forma como aprendi a olhar para o meu trabalho de modo mais crítico e reflexivo, para que, melhorasse o máximo que pudesse. No fim, todo o esforço e dedicação são recompensados e surge o sentimento de missão cumprida e de confiança. Confiança em nós próprios, pois é ela que nos guia para o melhor caminho e para a concretização dos nossos sonhos. Porém, e apesar de tudo, não seria fácil percorrer este caminho sozinha, e tive a sorte de ter sempre ao meu lado pessoas que enriqueceram o meu percurso pessoal e profissional, e que me apoiaram incondicionalmente.

Primeiramente, quero agradecer à minha família por me possibilitar voar, em especial aos meus pais e irmã, que arduamente se esforçaram para manter o meu percurso académico. Aos meus avós, tios e madrinha que sempre me apoiaram e incentivaram a não desistir.

À minha prima Sónia, também educadora de infância, que tanto me apoiou e guiou durante o meu percurso.

Ao meu afilhado Lourenço que me trouxe uma força extra com a sua chegada.

A toda a minha família, até quem não mencionei, o meu obrigado por todos os valores que me inculcaram e me tornaram na pessoa que sou hoje.

Quero também agradecer a todos os meus amigos, mas em especial às minhas amigas, Ana Leandro, Margarida Ribeiro, Débora Tomás, Raquel Salgueiro, Mariana Felício, Matilde Oliveira e Lúcia Costa. Obrigada por estarem sempre presentes durante esta etapa e pelo apoio incondicional, sem nunca me deixarem desviar do meu caminho.

Agradecer à minha colega Cátia Grosso, um laço que criei durante o mestrado em educação pré-escolar. Agradeço pela força, pelo companheirismo e a ajuda.

À Professora Doutora Maria Assunção Folque, por ter aceitado ser minha orientadora nesta jornada tão importante, que me auxiliou sempre que necessitei. Uma excelente profissional, com a qual aprendi imenso durante todo o meu percurso acadêmico.

A todas as instituições por onde tive o prazer de passar, em especial às educadoras cooperantes por todo o apoio e dedicação durante a Prática de Ensino Supervisionada com os seus conselhos sábios e, a toda a comunidade escolar que me recebeu sempre de braços abertos.

A todas as famílias das crianças, pelo voto de confiança e pela disponibilidade que sempre apresentaram. Em conjunto foi possível um trabalho mais significativo para todos nós.

E por último, mas não menos importante, a todas as crianças que tive o prazer de acompanhar e cuidar. Sem elas, nada disto seria possível, desafiaram-me de todas as formas, aprendi muito com elas, e por isso, hoje levo comigo momentos únicos e ricos de aprendizagem para o meu futuro. O meu muito obrigado a todos.

Resumo

O presente Relatório de estágio, surgiu no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada em Creche e Jardim de Infância do mestrado em Educação Pré-Escolar. Nele está presente todo o trabalho de investigação-ação que foi desenvolvido ao longo destes anos em cada uma das instituições.

A metodologia deste relatório foi sustentada pela investigação-ação, onde pretendo dar resposta às seguintes questões: “Como posso envolver as famílias nas práticas educativas?” e “Que impacto pode trazer esse envolvimento nas crianças?”. Para isso, defini como objetivo geral: Envolver das famílias nas práticas educativas em Creche e Jardim de infância, e como objetivos específicos: reconhecer a importância das famílias no contexto educativo, planear e articular com elas experiências significativas, analisar os impactos da sua participação nas crianças e refletir sobre o papel do/a educadora/a na construção desta aproximação.

Todo este processo, permitiu a minha aprendizagem e crescimento no que toca ao envolvimento das famílias e no impacto que o mesmo pode oferecer às crianças. Todas as aprendizagens e os vários momentos de interação com o meio familiar estão evidenciados neste relatório. Em particular, uma das aprendizagens mais significativas foi perceber que mesmo com pequenas iniciativas, como um convite para uma atividade ou uma simples partilha diária, pode criar oportunidades de proximidade e reforçar a confiança entre os contextos.

Palavras-chave: Famílias; Criança; Aprendizagem; Envolvimento familiar; Comunicação.

Building Bridges: Family Engagement in Nursery and Kindergarten Contexts

This Internship Report was developed within the scope of the Supervised Teaching Practice in Creche and Pre-school of the master's degree in Preschool Education. It presents all the action-research work carried out over these years in both institutions.

The methodology of this report was based on action-research, aiming to answer the following questions: “How can I involve families in educational practices? What impact can this involvement have on children?” To this end, I defined as a general objective the involvement of families in educational practices in Creche and Pre-school, and as specific objectives: to recognize the importance of families in the educational context, to plan and work with them in meaningful experiences, to analyze the impact of their participation on children, and to reflect on the role of the educator in building this relationship.

This whole process allowed my learning and growth regarding family involvement and the impact it can have on children. All the learning and the various moments of interaction with the family environment are presented in this report. In particular, one of the most significant learnings was realizing that even small initiatives, such as an invitation to an activity or a simple daily exchange, can create opportunities for closeness and strengthen trust between contexts.

Keywords: Families; Child; Learning; Family involvement; Communication.

Índice

Introdução	1
Capítulo I – Fundamentação Teórica	3
1 O envolvimento parental nos contextos educativos.....	5
1.1 A importância do envolvimento parental na qualidade de educação de infância	6
1.1.1 O que nos diz a investigação.....	7
1.1.2 Enquadramento normativo do envolvimento familiar	8
1.2 Envolvimento familiar: de que falamos?	9
1.3 Desafios que se apresentam na relação escola-família	11
1.4 Estratégias que promovem a relação escola-família.....	13
1.5 O papel do educador nos contextos educativos	15
Capítulo II – Dimensão Investigativa	18
2 Investigação ação e profissionalidade docente	20
2.1 Identificação da problemática, objetivos gerais e específicos	20
2.2 Metodologia, instrumentos e procedimentos de produção e recolha de dados.....	21
2.2.1 Inquéritos realizados às famílias	22
2.2.2 Observação participante.....	25
2.2.3 Caderno de formação	26
2.2.4 Questões éticas.....	26
Capítulo III- Investigação-ação-formação em jardim de infância	31
3 Caracterização do contexto institucional em jardim de infância	33
3.1 O projeto educativo da instituição e a sua organização	33
3.2 Trabalho com famílias e comunidade	34
3.2.1 O que pensam as famílias do Jardim de infância sobre a participação e envolvimento das famílias neste contexto?.....	35
3.3 Promover o envolvimento das famílias no jardim de infância	41
3.3.1 Cultivando as interações com as Famílias	42
3.3.2 A participação e envolvimento das famílias.....	46
3.3.3 A comunicação com as famílias	51
Capítulo IV – Investigação-ação-formação em creche	53
4 Caracterização do contexto institucional em creche	55
4.1 O projeto educativo da instituição e a sua organização	55
4.2 Trabalho com famílias e comunidade	56

4.2.1 O que pensam as famílias da creche sobre a participação e envolvimento das famílias neste contexto?	57
4.3 Promover o envolvimento das famílias na creche	61
4.3.1 Cultivando as interações com as Famílias	61
4.3.2 A participação e envolvimento das famílias.....	65
4.3.3 A comunicação com as famílias	74
5 Considerações Finais	76
6 Referências bibliográficas.....	82
Apêndices.....	84
Apêndices A - Inquérito em jardim de infância	84
Apêndice B – Resultados do Inquérito em jardim de infância	87
Apêndice C - Inquérito em creche	96
Apêndice D – Resultados Inquérito em creche.....	98

Índice de Figuras

Figura 1 - Modelo de Epstein Esferas de influências. Fonte: MATA, L. & PEDRO, I. (2021), Participação e Envolvimento das Famílias – Construção de Parcerias em Contextos de Educação de Infância, Lisboa: Direção-Geral da Educação	10
Figura 2 - Imagens da construção do painel das famílias com as crianças (esquerda) e painel das famílias (direita).	45
Figura 3 - Imagem do convite de colaboração enviado aos pais	47
Figura 4 - Imagens da construção da "manta" com as crianças (esquerda) e da manta (direita).	48
Figura 5 - Imagens da Manta e painel das famílias/ Dia da espiga (esquerda) e dia da espiga com as crianças e famílias (direita).....	51
Figura 6 - Mensagem enviada aos pais para participarem em atividades.....	63
Figura 7 - Imagens da Mãe da K. (esquerda), do Pai da M. (meio) e das famílias que se juntaram na saída à biblioteca municipal (direita).	65
Figura 8 -Imagem Convite aos pais para participarem na construção das bolas de Natal.....	67
Figura 9 - Imagens da exploração das bolas de Natal enfeitadas com as famílias (esquerda), da árvore de Natal (meio) e observação das bolas de Natal enfeitadas pelas crianças e famílias (direita).....	69
Figura 10 - Imagens da K. a enviar a carta ao pai natal com a mãe (esquerda), da P. com a sua família em Itália (meio) e da L. a realizar a sua bola de Natal, para a sala, em conjunto com a mãe (direita).....	70
Figura 11- Imagem do Mapa de notícias/novidades (esquerda) e da M. a realizar uma broa com a sua avó (direita).	71
Figura 12 - Imagens das famílias que se juntaram na saída ao mercado de Natal (esquerda) e da Mãe do D. na saída ao mercado de Natal (direita).	73
Figura 13 - Inquéritos realizados às famílias no jardim de infância (1/3).	84
Figura 14 - Inquéritos realizados às famílias no jardim de infância (2/3).	85
Figura 17 - Resultados dos aspetos que justificam a resposta anterior.	88
Figura 23 - Resultado das estratégias que promovem o envolvimento familiar.....	93
Figura 31 - Resultados da questão relativamente aos constrangimentos na relação escola-família.	100

Figura 32 - Resultado da questão relativamente às famílias se sentirem integradas no processo de estágio.	101
Figura 34 - Respostas obtidas pelas famílias.	102
Figura 35 - Análise das respostas obtidas.	103

Introdução

O presente relatório de estágio insere-se no âmbito da unidade curricular “Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar”, do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Universidade de Évora, para obtenção do grau de mestre.

Este relatório representa todo o culminar de um processo de aprendizagem, suportado pela investigação-ação. Pretende-se com este relatório focar o interesse no envolvimento familiar em contexto de creche e jardim de infância. Sabemos que as escolas e famílias devem apoiar-se mutuamente, e por isso, surgiram as seguintes questões: “Como posso envolver as famílias nas práticas educativas? Que impacto pode trazer esse envolvimento nas crianças?”. Segundo os autores Silva, Marques, Mata & Rosa (2016, p. 28) “Os pais/famílias e o estabelecimento de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa, por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas.” Essa proximidade facilita a troca de informações sobre o desenvolvimento da criança, e também permite criar relações de confiança, promovendo o desenvolvimento integral da mesma.

Escolhi esta temática por considerar que seria um processo enriquecedor para mim enquanto futura profissional de educação, e por perceber que, infelizmente, por vezes, é um aspeto pouco valorizado e trabalhado em alguns contextos de educação. É importante que o/a educador/a tenha plena consciência da importância de criar laços com o meio familiar e que é uma mais-valia para o processo de aprendizagem de todas as crianças. Desde que ingressei na licenciatura em Educação Básica, que o meu maior receio sempre foi a relação com as famílias, o receio das reuniões de pais, a comunicação com os mesmos, era algo que me assustava, principalmente por não ter consciência de como proceder. Por isso, faria todo o sentido que a temática deste relatório fosse o envolvimento familiar nos contextos educativos. Como referem os autores (Lemos, 2015, citado por Mata & Pedro, 2021, p. 48), “Para que haja qualidade na educação das crianças, é imprescindível que todos tenham consciência da necessidade de participarem, de se envolverem nos processos educativos e de os ‘partilhar entre si, fazendo confluir os saberes multifacetados que fazem parte do património pessoal de cada um’”. Por isso, os estabelecimentos de educação, devem proporcionar aprendizagens significativas, uma vez que a colaboração com as famílias promove aprendizagens de qualidade.

Deste modo, o presente relatório tem como objetivo geral: “Envolver as famílias nas práticas educativas em Creche e em Jardim-de-Infância.” Para a concretização deste objetivo concorrem os seguintes objetivos específicos:

1. Reconhecer a importância das famílias no contexto educativo;
2. Conhecer as famílias de cada contexto e as suas perspetivas sobre o envolvimento e a sua participação na creche e no jardim de infância;
3. Planear e articular com as famílias de forma a envolvê-las em aprendizagens consistentes e significativas do quotidiano escolar e promovendo, assim, um ambiente educativo mais inclusivo, promotor de desenvolvimento e aprendizagem;
4. Analisar os processos e os impactos do envolvimento das famílias nas crianças;
5. Refletir sobre o papel do/a educador/a e qual a responsabilidade do/a mesmo/a para encontrar estratégias de aproximação entre as famílias e o contexto educativo.

A estrutura deste relatório divide-se em quatro capítulos. O primeiro intitulado “Fundamentação Teórica”, menciona a importância do envolvimento parental nos contextos de educação, destacando os desafios presentes na relação escola-família, as estratégias que promovem esse envolvimento e o papel do educador na mediação desse processo

No segundo capítulo “Dimensão Investigativa”, descreve a metodologia da investigação-ação e a profissionalidade docente, apresenta a identificação da problemática e os objetivos gerais e específicos. Seguidamente apresento os instrumentos e procedimento de produção e recolha de dados que permitiram desenvolver a minha investigação.

O terceiro e quarto capítulos, intitulados “Investigação-ação-formação em Jardim de Infância” e “Investigação-ação-formação em Creche”, referem-se às características dos contextos institucionais em que a prática foi desenvolvida. Nestes capítulos, são abordados os projetos educativos das instituições, o trabalho com as famílias e a comunidades, bem como as interações com as famílias, participação e comunicação com as mesmas durante todo o processo.

Por fim, as considerações finais, onde reflito sobre a minha prática em ambos os contextos bem como sobre os inquéritos, destacando os principais desafios que enfrentei, as aprendizagens que adquiri e as perspetivas para o meu futuro, enquanto profissional de educação.

Capítulo I – Fundamentação Teórica

1 O envolvimento parental nos contextos educativos

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei n.º 5/97, 1997) diz-nos que “A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”.

A cooperação com as famílias e a escola, é também referida por alguns autores, (Albright & Weissberg, 2010; Epstein, 2011; Silva, 2009, citados por Mata & Pedro, 2021), “Décadas de investigação, de avaliação de programas e de debate sobre os fatores de sucesso educativo têm permitido recolher evidências sobre a importância do papel que os pais podem desempenhar junto dos filhos, na construção de expectativas positivas sobre o percurso escolar, a médio e longo prazo.” (p. 10). O envolvimento familiar pode trazer benefícios no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, uma vez que o mesmo permite a todos um maior conhecimento da criança. Assim, é mais fácil encontrar estratégias e resolver problemas. É necessário que se mantenha a comunicação constante, o diálogo, a escuta ativa e basear as relações no respeito mútuo. Quando existem relações de confiança entre os dois contextos, transmitimos uma sensação de segurança e bem-estar à criança.

É fundamental reconhecer a diversidade familiar e que cada família é única e merece ser valorizada. Tal como referem as autoras das Orientações Pedagógicas para Creche (Marques et al., 2024), conhecer a realidade familiar de cada criança permite desenvolver relações baseadas no respeito, pois cada criança possui diferentes valores, histórias de vida e cultura. É fulcral que haja esse reconhecimento e se respeite a diversidade, pois todas as famílias têm algo a oferecer, e é essa riqueza que contribui para experiências e vivências mais inclusivas e enriquecedoras.

Irão, certamente, existir famílias em contextos sociais mais fragilizados, com línguas e culturas diferentes, com outras religiões, entre outros, e cabe aos educadores e contextos educativos, ultrapassar os desafios da inclusão. Por isso, é necessário valorizar culturas e valores, para uma relação de respeito. Como afirmam Marques et al. (2024)

É importante reconhecer a diversidade existente entre famílias ao nível das suas culturas, religião, orientação sexual, língua, mas, também, em relação aos seus valores, histórias de vida e condições da parentalidade. Conhecer a família de cada criança é

essencial para que se possam desenvolver relações de respeito, sensíveis e inclusivas, capazes de responder às necessidades de cada uma e, ao mesmo tempo, mobilizar os recursos que cada elemento da família possui. Todas as crianças beneficiam da diversidade de famílias e de realidades sociais presentes na vida da creche, enriquecendo as experiências de todo o grupo numa partilha de mundos. (p. 96-97).

A comunicação diária, permite criar parcerias com as famílias. Estas ajudam na troca de decisões, na partilha de preocupações e para encontrar estratégias a favor do desenvolvimento da criança. Quer isto dizer que, uma parceria, foca-se em responder às necessidades e interesses das crianças. (Kaiser e Stainbrook, 2010) citado por Mata & Pedro (2021), apresentam que as parcerias são definidas como:

Interações mútuas de suporte entre famílias e profissionais que se focam em corresponder às necessidades das crianças e famílias, com competência, compromisso, comunicação positiva e confiança. A qualidade das relações, as oportunidades que os profissionais proporcionam às famílias e a qualidade dos serviços prestados às crianças e famílias são elementos-chave para uma verdadeira parceria. (p.24).

1.1 A importância do envolvimento parental na qualidade de educação de infância

O envolvimento das famílias na educação das crianças, é uma parte essencial para que haja uma educação de qualidade e, por isso, cabe aos profissionais de educação, garantir uma colaboração consistente, promovendo o desenvolvimento das crianças, bem-estar e aprendizagens. Os estudos mostram que esse envolvimento pode efetivamente trazer benefícios para as crianças, pois são mais motivadas para a escola, e apresentam expectativas positivas em relação à mesma (Mata & Pedro, 2021). Práticas em casa, como ler com os filhos ou conversar sobre a escola, influenciam positivamente as crianças no desenvolvimento da leitura, escrita e da sua motivação em aprender (Mata & Pedro, 2021).

À luz de uma abordagem ecológica do desenvolvimento, é possível entender como as práticas de interação entre os dois contextos podem ser uma mais-valia de integração social e sucesso escolar da criança (Bronfenbrenner, 1979) citado por Mata & Pedro (2021). Por isso, estabelecer relações de confiança entre os contextos, permite um maior conhecimento da criança, das suas necessidades, fragilidades e pontos fortes, e que assim, se construam

estratégias, para que se ultrapassem e resolvam os problemas de forma eficaz, transmitindo uma sensação de segurança à criança. (Deslandes, 2001) citado por (Mata & Pedro, 2021).

Contudo, é necessário procurar dar resposta às famílias de diferentes etnias, religiões, classes mais desfavorecidas, entre outros, caso não haja essa preocupação sobre a inclusão, os contextos educativos podem estar a reforçar as diferenças e os afastamentos, ao invés de promover o acesso à educação a todos. Para a criança, perceber que a escola e a família trabalham em conjunto transmite segurança e reforça a valorização do seu percurso educativo (Mata & Pedro, 2021). Portanto, garantir respostas às necessidades e às diferentes realidades das famílias, é um elemento fundamental para uma educação de qualidade, onde se valoriza a inclusão, proporcionando um ambiente acolhedor e promotor de desenvolvimento das aprendizagens das crianças.

1.1.1 O que nos diz a investigação

A investigação tem sido consistente em mostrar que, quando as famílias e a escola trabalham lado a lado, as crianças sentem-se mais seguras e apresentam uma maior motivação nas suas aprendizagens (Mata & Pedro, 2021). O envolvimento reflete-se no bem-estar emocional da criança e no desempenho escolar quando as famílias participam ativamente e contribuem para o mesmo. Também as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, sublinham que o currículo implica envolver os pais no ciclo planear-agir-avaliar e que a comunicação com as famílias deve ser baseada na confiança (Silva et al., 2016).

As Orientações Pedagógicas para a Creche (Marques et al., 2024) vão mais longe ao considerar que a relação com a família e a comunidade são essenciais na prática dos educadores, não como um complemento, mas sim como uma parte essencial para uma educação de qualidade. Além disso, várias publicações ligadas ao Movimento da Escola Moderna (MEM) reforçam que a criação de comunidades de aprendizagem inclusivas, onde as famílias se envolvem no planeamento, nas avaliações, no dia-a-dia da educação dos filhos, é um fator de qualidade.

Como referem Folque e Vasconcelos (2019), “a constituição de grupos heterogéneos e o envolvimento familiar permitem experiências de aprendizagem mais ricas” (P. 282). Envolver famílias faz parte do currículo e da prática de um/uma educador/a, por isso, este trabalho exige

comunicação, convites por parte da escola e profissionais de educação, respeito pela diversidade, inclusão e envolvimento constante das famílias.

1.1.2 Enquadramento normativo do envolvimento familiar

O envolvimento das famílias é valorizado nos principais documentos da educação em Portugal, e o mesmo é considerado fundamental para o desenvolvimento das crianças. A Lei-Quadro da Educação pré-Escolar nº 5/97, de 10 de fevereiro, estabelece no seu artigo 4º, que a intervenção educativa deve ser realizada “em estreita cooperação com a família, visando o seu envolvimento e participação no processo educativo”. Esta perspetiva reforça a importância de criarmos relações mais próximas, reconhecendo a família como uma parte essencial na educação das crianças.

Também as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2016) destacam que “a relação com as famílias deve ser estabelecida desde o início, de forma sistémica, contínua e baseada na confiança mútua” (p.19). É reconhecido que a comunicação e a cooperação entre famílias e profissionais de educação, enriquecem a prática pedagógica e permitem um conhecimento integral da criança. Quando as famílias são envolvidas de forma ativa no processo educativo, fortalecem-se vínculos afetivos e de confiança entre a família e a escola, que são fatores essenciais para um processo educativo de qualidade.

Por sua vez, O Decreto-Lei nº 54/2018, de 6 de julho, reforça a participação das famílias enquanto parceiras na construção de práticas mais adequadas às necessidades e interesses das crianças, promovendo o seu bem-estar. Esta visão é sustentada pelo Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Martins et al., 2017), que salienta a importância da educação se desenvolver numa colaboração entre famílias, escolas e comunidade. Assim sendo, todo o enquadramento legal aponta para o mesmo sentido: a escola e as famílias devem trabalhar e cooperar em conjunto, assim, criam-se pontes que favorecem as aprendizagens das crianças.

Além disso, a Portaria nº190-A/2023, 5 de julho, que procede a alteração à Portaria 262/2011, de 31 de agosto, estabelece normas de condições e funcionamento das creches. A portaria visa, entre outros aspetos, o aumento da capacidade das creches, a diversificação dos seus serviços e horários, reforçando a criação de um ambiente que favoreça o desenvolvimento das crianças. A portaria tem como objetivo melhorar a resposta das intuições de educação, garantindo que as creches sejam mais acessíveis e adequadas às necessidades das famílias. Ao

promover a ampliação do número de lugares nas creches, facilita o acesso à educação e apoia a participação das famílias de forma mais inclusiva e acessível, estes aspetos favorecem a construção de uma parceria mais eficaz entre famílias e profissionais de educação.

1.2 Envolvimento familiar: de que falamos?

O trabalho com as famílias e a comunidade deve ser baseado no princípio do isomorfismo pedagógico. Este princípio defende que a abordagem utilizada na educação das crianças deve ser a mesma que é aplicada no trabalho com as famílias. Quer isto dizer que, a educação deve ser vista como um processo de aprendizagem em que se trabalha lado a lado e que todos colaboram: educadores, famílias, auxiliares de ação educativa e a comunidade. Desta forma, criamos uma rede, onde podemos facilmente solucionar problemas e apoiar o desenvolvimento de cada criança de acordo com as suas necessidades. Como Folque, Bettencourt e Ricardo (2015) destacam, a educação deve envolver todos os participantes no processo, reconhecendo o valor dos saberes compartilhados.

É importante que se desenvolvam parcerias, as parcerias são grupos de pessoas que trabalham em conjunto, com o mesmo objetivo. Numa parceria, é fundamental que todos os envolvidos tenham voz e possam expressar as suas perspetivas e opiniões. Todas as famílias têm histórias diferentes, culturas e valores e os mesmos têm de ser valorizados de modo que haja parcerias eficazes, baseadas no respeito mútuo.

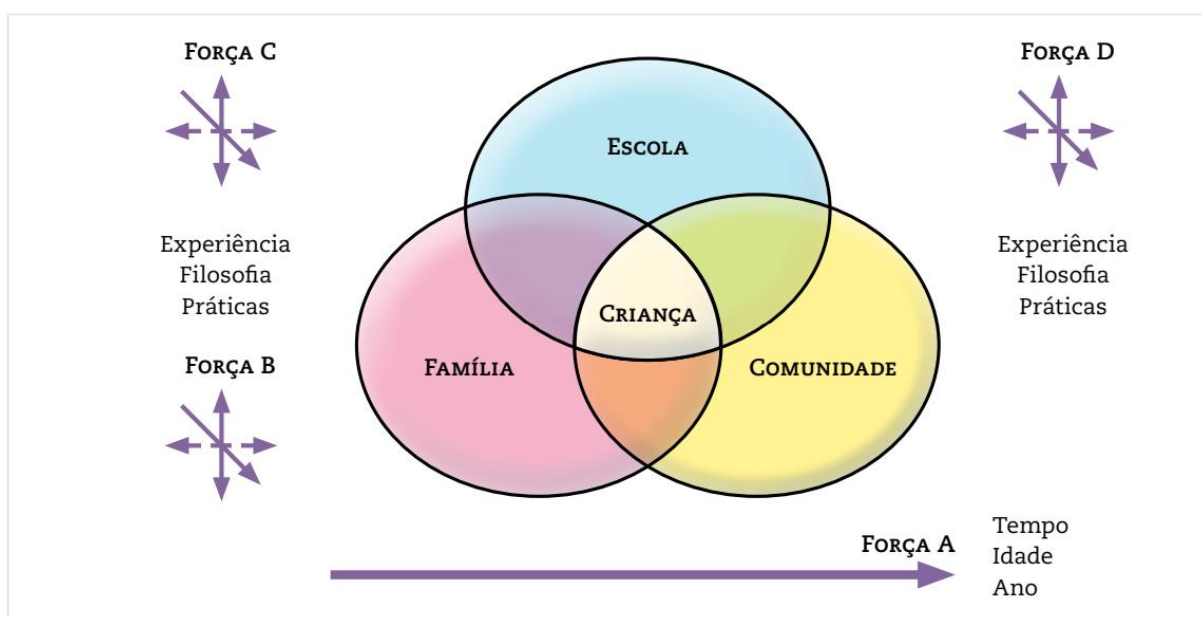
Modelos como o de Epstein (1987) reforçam esta ideia, sugerindo que quanto maior a interseção entre famílias, escola e comunidade, mais eficaz se torna o apoio às crianças. O modelo das esferas de influência de Epstein, apresenta-nos como a escola, a família e a comunidade podem cooperar em conjunto para o desenvolvimento das crianças. A criança ocupa o centro das esferas, e a escola e a família partilham responsabilidades e o mesmo foco. Quanto maior a interseção entre as esferas, maior será a colaboração e, consequentemente, obtém-se uma educação de maior qualidade. O modelo de Epstein refere três forças que influenciam a interação, são elas: o tempo e a idade da criança (Força A), as práticas educativas das famílias (Força B), e as estratégias da escola (Força C). À medida que as crianças crescem, esta proximidade entre escolas e famílias, pode variar, mas quando as forças se alinham, a

colaboração torna-se mais forte. Assim, quanto mais proximidade houver, quanto mais influência e interações, mais eficazes serão as respostas educativas.

O processo de uma construção de parceria leva o seu tempo, e requer esforço de ambas as partes. A construção de relações de confiança e respeito, por vezes, podem levar algum tempo até serem desenvolvidas, no entanto, há que ter consciência das dificuldades e desafios que se enfrentam. Por isso, é necessário encontrar estratégias que facilitam o caminho até à construção de parcerias de sucesso. (Mata & Pedro, 2021).

Figura 1

Modelo de Epstein Esferas de influências. Fonte: MATA, L. & PEDRO, I. (2021), Participação e Envolvimento das Famílias – Construção de Parcerias em Contextos de Educação de Infância, Lisboa: Direção-Geral da Educação.



1.3 Desafios que se apresentam na relação escola-família

Apesar de se reconhecer a importância do envolvimento parental nos contextos de educação, ainda existem vários obstáculos que dificultam o envolvimento familiar. Tal como referem Mata e Pedro (2014), “A colaboração entre os contextos educativos e as famílias não é isenta de dificuldades” (p.14), sendo muitas vezes, esta colaboração marcada por afastamentos, por ambos os contextos.

Muitas das vezes, estes afastamentos dizem respeito ao ritmo acelerado da vida, da pressão do trabalho e o cansaço associado ao mesmo, e até mesmo memórias negativas que os pais ainda possuem da sua própria infância. Tudo isto, contribui para que se criem afastamentos entre escolas e famílias. Ademais, também as diferenças de valores, expectativas e objetivos entre famílias e o contexto educativo, pode dificultar a construção de relações afetivas (Mata & Pedro, 2014).

É importante perceber que nem todas as famílias se envolvem da mesma forma ou com as mesmas condições sociais e culturais, e a distribuição desigual dos papéis familiares, continua a prevalecer em algumas famílias, influenciando o afastamento das mesmas. Há casos onde ainda prevalece uma visão tradicional, onde as mães possuem as maiores responsabilidades sobre a educação dos filhos, como afirmam (Pedro, 2010, Poeschl & Serôdio, 1998; Poeschl & Silva, 2001), “a mãe, como a educadora natural, alimenta a crença da ação da mãe/educadora na esfera doméstica, ratificando uma ausência do pai do espaço das aprendizagens dos filhos e de participação no contexto educativo. (Citado por Mata & Pedro, 2024)

Também os baixos níveis de escolaridade, não ser o português a língua materna por serem emigrantes, acaba por originar dificuldades no acesso à informação. Com base nesse aspeto, surgem várias crenças da pouca eficácia da sua participação. (Hoover-Dempsey & Walker, 2002) citado por Mata & Pedro (2021), p. 48.

Identificar estes constrangimentos é um passo importante para que possamos pensar em práticas e estratégias mais conscientes, que vão ao encontro da realidade de cada família, criando pontes de comunicação e colaboração mais próximas e significativas. Segundo as orientações pedagógicas para creche, quando o educador se coloca no lugar das famílias, as iniciativas tornam-se mais variadas e acessíveis a todos. As experiências que as famílias tiveram ao longo do percurso educativo, influencia a forma como as mesmas constroem as

relações de confiança. Por isso, é necessário desenvolver uma escuta atenta e constante para compreender as suas experiências e vivências, e como encaram o seu envolvimento nos contextos educativos. Olhar para as famílias como competentes e capazes, cria bases para que se sintam valorizadas e confiantes para participar na educação das crianças. (Marques et al., 2024).

Contudo, os profissionais de educação também enfrentam constrangimentos no processo de envolver as famílias nas escolas. A falta de tempo ou motivação para realizar atividades e conseguirem articular com as famílias para que possam participar é um grande obstáculo, (Carrascal & Rotela, 200, citado por Abrantes, 2022) afirmam que,

Um estudo conclui que os professores concordam com o facto de as famílias reconhecerem que o seu envolvimento no processo educativo das crianças é muito importante, no entanto, na maioria das vezes estas assentam todas as responsabilidades educativas nos professores e na escola, tal como não participam nas propostas de atividades apresentadas pela instituição, nem nas reuniões, terminando sempre por não se envolverem e colaborarem eficazmente nas instituições (p. 11).

Outro aspeto importante, refere-se aos espaços onde a educação acontece, a casa e a escola, que por vezes pode originar pouco conhecimento sobre o que acontece em cada um dos contextos. Isso cria algum afastamento entre famílias e profissionais de educação, mesmo que o bem-estar da criança seja o foco para ambos. Como salienta Perrenoud, “as práticas educativas (...) ocorrem em espaços físicos diferentes (...), o que leva, em alguns casos, a um grande desconhecimento mútuo das atividades desenvolvidas” (Perrenoud, 2001, citado por Mata & Pedro, 2014, p. 15). Num outro estudo desenvolvida, verificou-se que as famílias não têm conhecimentos ao nível pedagógico, acerca do que acontece nas instituições e por isso, acabam por desvalorizar as atividades realizadas, bem como o seu envolvimento (Palos, 2002, citado por Abrantes, 2022, p. 11). Estes obstáculos são por vezes, desafiadores para os educadores, uma vez que se torna difícil a participação de todos, tornando assim, essa tarefa bastante exigente.

Também a diversidade cultural pode criar inseguranças na hora de encontrar estratégias adequadas e na forma de comunicar com as famílias, e envolver todos da mesma forma. Por fim, a ausência de formações ou de apoios por parte das instituições podem dificultar as práticas educativas, comprometendo o desenvolvimento do envolvimento familiar.

1.4 Estratégias que promovem a relação escola-família

Envolver as famílias significa incluir vários grupos de pais. Para se envolver todos os pais o/a educador/a tem de compreender que existe a necessidade de conhecer e valorizar diferentes culturas. O processo educativo com as famílias, necessita de uma atitude de acolhimento, escuta ativa e respeito pelas histórias e vivências de cada um. Folque, Bettencourt e Ricardo (2015) afirmam que é importante criar espaços de diálogo e de compreensão, essencial para uma boa relação.

De acordo com Folque, Bettencourt e Ricardo (2015), as reuniões formais e informais devem ser vistas como momentos de planeamento conjunto, onde todos se sintam incluídos e valorizados. Assim, as reuniões de pais, também podem potenciar o envolvimento, uma vez que normalmente se dá a conhecer as rotinas, as regras, onde se fala sobre problemas, horários, entre outros. É essencial que o/a educador/a também se disponibilize para reuniões individuais, onde possam conversar sobre assuntos mais íntimos e particulares, essa disponibilidade promove a sensação de confiança e de acolhimento.

A colaboração dos pais deve ser incentivada e traz benefícios, pois torna esta via um meio de comunicação mais bidirecional, através do qual pais e profissionais partilham ideias, vivências e conhecimentos (Hiatt-Michael, 2001) citado por Mata & Pedro (2021) (p. 40). O uso de meios digitais, podem ser boas ferramentas para facilitar a comunicação entre os profissionais de educação e famílias, dessa forma há a possibilidade de trocas de informação. A partilha de fotos das atividades e relatos de momentos que acontecem nas instituições, por via WhatsApp, por exemplo, também criam um ambiente de cooperação, assim como, a utilização de documentos pedagógicos, como newsletters/jornais ou blogues, podem ser utilizados para sugerir atividades ou para partilhar informações sobre o que é feito no contexto de educação.

A abordagem aos pais pode ser feita também através de panfletos informativos onde mencionam temáticas importantes sobre o desenvolvimento das crianças, ou questionários que permite as famílias acompanharem o desenvolvimento das crianças e o seu processo educativo, utilizados para levantar questões e refletir sobre a prática.

A comunicação deve ser inclusiva, utilizando diferentes suportes, formatos e linguagem, para garantir que todos possam participar e que seja acolhedor para todos. A criação

de diferentes eventos sociais e culturais, celebrações, convites para que participem e momentos de convívio/atividades na sala, convites para saídas com as crianças, também facilitam a participação das famílias e podem suscitar o interesse dos pais a envolverem-se. (Lemos, 2015) citado por Mata & Pedro (2021), afirma que,

É essencial procurar modos de comunicação recíprocos, diferenciados, com linguagens acessíveis que facilitem proximidade e oportunidades de partilha do quotidiano das crianças. A comunicação e a informação deve chegar a todos, assim é importante que a linguagem seja acessível e inclusiva, para que famílias com diferentes línguas ou com dificuldades, também possam sentir-se incluídas, facilitando as relações de confiança.

Também o uso de cartazes ou a exposição de trabalhos nas paredes são uma forma de comunicar o que está a acontecer dentro da sala e o trabalho que está a ser desenvolvido. Segundo Mata & Pedro (2021): “Uma das potencialidades da utilização de Placards e/ou Cartazes informativos é que, em qualquer altura em que os pais se desloquem à, podem aceder a essa informação (e.g. quando deixam os filhos ou quando os vão buscar, no dia de uma reunião, ou evento).”

O/A educador/a deve garantir a escuta ativa e estratégias para promover a participação das famílias, e é necessário que se proporcione espaço para que as mesmas também possam expressar as suas opiniões e preocupações. Como destacam os autores das Orientações Pedagógicas para Creche (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024)

O/a educador/a deve prever diversas estratégias para ouvir as famílias, seja através de conversas individuais e reuniões, ou mediante a aplicação de questionários. Esta escuta permite definir ações conjuntas referentes ao cuidado e educação das crianças (por exemplo, o desfralde, a introdução de novos alimentos, entre outros). É importante garantir o direito e a responsabilidade das famílias para se envolver na tomada de decisão, dando-lhes a oportunidade para as decisões finais sobre aspetos do bem-estar e da aprendizagem e desenvolvimento do seu filho ou filha. (p. 53),

A motivação dos pais para se envolverem na educação dos filhos depende da compreensão que os mesmos têm do seu papel educativo enquanto pais. Isso está relacionado com o sentimento de competência com que desempenham esse papel. Quando a tarefa de apoiar e estar presente nas aprendizagens dos filhos é vista como positiva e eficaz, a motivação

aumenta, mas, se for considerada frustrante, a motivação diminui. (Walker et al., 2005), citado por Mata & Pedro, (2024).

1.5 O papel do educador nos contextos educativos

O papel do/a educador/a surge como promotor dos direitos das crianças, bem como criador de condições para garantir que todas as crianças tenham acesso à aprendizagem e ao bem-estar. É essencial que, na organização do ambiente educativo, o/a educador/a garanta a autonomia, a acessibilidade aos diversos materiais, a segurança o espaço, são fatores importantes para a participação ativa das crianças. Como referem Marques et al. (2024),

Cabe ao/a educador/a de infância, com base num conhecimento específico, garantir o acesso das crianças a espaços e a materiais de qualidade, que potenciem o seu protagonismo, competência e autonomia, que sejam culturalmente relevantes e diversificados, sem se deixar ofuscar pela profusão de brinquedos que o mercado produz numa lógica de consumismo. As boas escolhas relativamente aos espaços e aos materiais nem sempre implicam a mobilização de elevados recursos económicos, salvaguardados que estejam os princípios de durabilidade, segurança e sustentabilidade na aquisição de equipamentos e materiais respeitadores do direito da criança à estética, funcionalidade, adequação e ludicidade. A escolha e aquisição de equipamentos e materiais deve assegurar a responsabilidade para com o ambiente. (P. 34)

Também a planificação de atividades/projetos, deverá ser realizada e estruturada com base na escuta ativa da criança e na observação, respeitando as necessidades e os interesses das crianças. É importante se promova a segurança, o desenvolvimento de relações afetivas e positivas, valorizando o brincar, promovendo as interações com o meio e comunidade, que favorecem a construção da identidade pessoal, social e cultural. A sua ação deve ser baseada no respeito, na colaboração e no diálogo entre todos os intervenientes, escola, famílias, toda a equipa pedagógica e com a comunidade.

O trabalho com as famílias tem bastante relevância e o/a educador/a deve assumir uma atitude de estar ao lado das famílias, para trabalharem em equipa na educação das crianças. Mais do que participar em atividades e em planeamentos, como já foi referido, a promoção de

um espaço de compreensão, diálogo, e de escuta é essencial para que se possa conhecer melhor as crianças. Assim como referem Marques et al. (2024),

Na creche, como referido anteriormente, o trabalho com as famílias assume uma centralidade especial na medida em que é através de um diálogo entre profissionais e famílias que ambos conhecem melhor cada bebé, cada criança, que interpretam as suas necessidades, ações intencionais e fundamentadas organização do ambiente educativo planificar com base na escuta da criança protagonismo, autonomia e participação da criança diálogo e colaboração com diversos atores da comunidade educativa liderança de equipa parceria com famílias e comunidade interesses e potencialidades, ampliando possibilidades de escuta ativa. (p.36-27).

O/A educador/a tem a responsabilidade de reconhecer o papel das famílias e valorizar o que elas trazem para o processo educativo, pois desta forma criamos um ambiente de confiança e parcerias entre os contextos. Esta união também pode contribuir para a inclusão, uma vez que enriquece as experiências do grupo, fortalece o apoio na resolução de problemas e constroem-se práticas mais adequadas e com sentido para todos.

Para uma prática educativa de qualidade, é essencial que o desenvolvimento profissional seja contínuo, quer isto dizer que, implica formação de forma permanente, envolvimento em processos de investigação, reflexão sobre a prática, sustentada por uma visão ética e pedagógica centrada na criança como sujeito de direitos.

Capítulo II – Dimensão Investigativa

Este capítulo começa por refletir sobre o papel da investigação na profissionalidade docente, apresentando depois o estudo. aborda a identificação da problemática que orientou a investigação-ação realizada durante a Prática de Ensino Supervisionada em Creche e Jardim de Infância, bem como os objetivos gerais e específicos. A problemática surgiu a partir de uma reflexão sobre a necessidade de envolver as famílias nas práticas educativas. A partir daí, foram definidos objetivos, que deveriam ser atingidos na prática, de modo a envolver mais as famílias e a criar aprendizagens mais significativas para as crianças.

Neste capítulo abordo também os instrumentos e processos de produção de dados como os inquéritos realizados às famílias, permitindo compreendo as suas opiniões e expetativas. Inclui também, a observação participante e o caderno de formação, ferramentas que me auxiliaram na recolha de dados ao longo da investigação. E por fim, as questões éticas, essenciais numa investigação-ação em contexto educativo. Este capítulo permite, contextualizar a investigação que foi realizada, descrevendo os instrumentos utilizados, garantido o respeito pelos envolvidos.

2 Investigação ação e profissionalidade docente

A investigação-ação permite ao docente, analisar, identificar problemáticas, refletir e encontrar soluções e estratégias para essa problemática. A profissionalidade docente refere-se à construção de competências e de saberes, que são adquiridos pelo professor ao longo da sua prática pedagógica.

(Courtois, 1996), citado em Pereira, (2018), afirmam que

A profissionalidade designa primordialmente o que foi adquirido pela pessoa como experiência e saber e a sua capacidade de utilizá-lo numa dada situação, o seu modo de cumprir as tarefas. Instável, sempre em processo de construção, surgindo do próprio ato do trabalho, ela se adapta a um contexto em movimento. (...) Ela requer uma aprendizagem permanente e coletiva de saberes novos e em movimento e situa-se num contexto de profissionalização constante.” (p. 172)

Esta perspetiva reforça a ideia de que a profissionalidade docente não é algo estático, e permanece em constante evolução. Os educadores constroem a sua profissionalidade através da prática, das experiências ou vivências, podendo refletir sempre sobre a mesma. Nessa conformidade, a prática de docência desenvolve-se através da experiência, da interação que se integra na prática pedagógica. A investigação-ação surge como uma ferramenta, permitindo aos docentes analisarem, intervirem, refletirem sobre a sua prática. Assim, contribuímos para uma educação de qualidade focada na melhoria. Ao ser aplicada na minha prática, esta metodologia possibilitou identificar dificuldades, refletir sobre as mesmas e consequentemente, encontrar estratégias que respondessem a essas necessidades. Desta forma, a investigação-ação contribuiu para a melhoria do meu trabalho, e possibilitou desenvolver competências para o meu futuro, fomentando assim, a qualidade das práticas pedagógicas.

2.1 Identificação da problemática, objetivos gerais e específicos

Alguns autores falam da complexidade do trabalho com as famílias e dos desafios que eles colocam. Epstein (1995) citado por Mata & Pedro (2021, p. 14) refere que existem constrangimentos e dificuldades nos relacionamentos entre famílias e estabelecimentos de

educação, uma vez que, durante vários anos, a história foi marcada por sucessivos afastamentos e aproximações entre os dois contextos. Pretendeu-se com a Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar, focar o interesse no envolvimento das famílias em contexto de Creche e Jardim-de Infância. As famílias e as instituições devem apoiar-se mutuamente, sendo o envolvimento familiar de extrema importância para a construção de aprendizagens significativas e para o bem-estar das crianças e famílias. Neste seguimento, pretendi dar resposta às seguintes questões: “Como posso envolver as famílias nas práticas educativas? Que impacto pode trazer esse envolvimento nas crianças?”.

A metodologia que segui foi a investigação-ação, através do processo de interação ao longo de todo o percurso. A recolha de dados foi realizada através da escuta da criança, de notas de campo, da observação participante e da intervenção cooperada, das planificações, intervenções e de inquéritos realizados às famílias. Este projeto de investigação-ação teve como objetivo geral:

- Envolver as famílias nas práticas educativas em Creche e em Jardim-de-Infância.

Para a concretização deste objetivo concorreram os seguintes objetivos específicos:

1. Reconhecer a importância das famílias no contexto educativo;
2. Conhecer as famílias de cada contexto e as suas perspetivas sobre o envolvimento e a sua participação na creche e no jardim de infância;
3. Planear e articular com as famílias de forma a envolvê-las em aprendizagens consistentes e significativas do quotidiano escolar e promovendo, assim, um ambiente educativo mais inclusivo, promotor de desenvolvimento e aprendizagem;
4. Analisar os processos e os impactos do envolvimento das famílias nas crianças;
5. Refletir sobre o papel do/a educador/a e qual a responsabilidade do/a mesmo/a para encontrar estratégias de aproximação entre as famílias e o contexto educativo.

2.2 Metodologia, instrumentos e procedimentos de produção e recolha de dados

A metodologia da investigação-ação é muitas das vezes associada à escola e aos professores. Sendo a escola um espaço complexo, com incertezas, conflitos e aprendizagens, é essencial que haja uma reflexão por parte dos profissionais, que visa melhorar as suas práticas

pedagógicas (Coutinho et al., 2009). A investigação-ação permite investigar a própria prática, refletir sobre os problemas e encontrar soluções para promover a mudança. Contudo, não existe uma definição única ou universal. Como refere Coutinho (2005, p.219, citado por Coutinho et al, (2009), “trata-se de uma expressão ambígua, que se aplica a contextos de investigação tão diversificados que se torna quase impossível, tal como consideram Gómez et al, (1996) ou McTaggart (1997, chegar a uma “conceptualização unívoca”. (Coutinho et al., 2009, p.359).

A investigação-ação é descrita como uma metodologia que combina a ação e a investigação em simultâneo, utilizando um ciclo em espiral, que é alternado entre a ação e reflexão contínuas (Dick, 1999, citado por Coutinho et al., 2009). No que diz respeito ao ensino e aos contextos educativos, esta metodologia permite aos professores refletir sobre a sua prática, e é focada na resolução de problemas, sendo central a figura do professor-investigador.

A minha prática foi regida pela metodologia da investigação-ação, uma vez que é uma abordagem que me permite investigar e intervir em simultâneo. Fui guiada por um objetivo geral e quatro objetivos específicos, como mencionado no ponto anterior, durante as práticas, em contexto de jardim de infância, e em contexto de Creche. Utilizei instrumentos de produção de dados que me permitiram refletir sobre a minha prática, como as notas de campo/caderno de formação, os inquéritos, a escuta da criança e a observação participante. Cada um desses instrumentos permitiu encontrar estratégias para atingir os meus objetivos.

2.2.1 Inquéritos realizados às famílias

Para Oppenheim (1996) citado por Bell (1993) o mundo está repleto de pessoas que acreditam que um sujeito que utilize uma linguagem fluente e assertiva consegue realizar um bom inquérito. Embora a facilidade de nos exprimirmos seja elevada e auxilie na realização dos inquéritos, são fatores insuficientes para a sua concretização. Neste sentido, será necessário avaliar o tipo de questões e a sua formulação. O inquérito traduz-se numa fonte rápida e acessível de informação e tem como objetivo obter dados para que possam ser analisados e comparados. A formulação das perguntas deve ser feita de forma clara e objetiva, garantindo que todas as questões tenham o mesmo significado para todos os inquiridos, funcionando como dispositivos de recolha e análise de dados,

Elaborei um guião (Apêndice A e C) de inquéritos destinados às famílias, com o intuito de compreender de que forma poderiam envolver-se mais no contexto educativo, identificar os principais constrangimentos que podem estar na origem do afastamento e que estratégia poderia implementar para aproximar mais as famílias dos contextos. Este inquérito teve também, como objetivo, para além da recolha de dados, dar voz e escutar as famílias, mostrando as suas perspetivas e opiniões a partir das respostas obtidas (Apêndice B e D). Os inquéritos foram aplicados através da plataforma Google Forms e foi enviado um link para as famílias no grupo de WhatsApp, durante o percurso de estágio. A estrutura dos inquéritos variou de contexto para contexto, havendo algumas alterações nas suas estruturas e questões.

Relativamente ao inquérito realizado em jardim de infância, o mesmo foi enviado em maio de 2023 e foi composto por 7 questões no total, sendo 4 de resposta aberta e 3 de resposta binária. O mesmo foi enviado para todas as famílias, tendo apenas respondido 15 familiares. A estrutura do inquérito e os seus objetivos, foram organizados da seguinte forma:

- 1- A primeira questão, referia-se à importância do envolvimento familiar, onde procurava compreender se as famílias reconheciam a importância do seu envolvimento na educação dos filhos. Seguidamente surgiu uma questão de resposta aberta, 1.1, onde podiam fundamentar os seus pontos de vista sobre a importância que atribuíam a esse envolvimento, a partir das suas respostas poderia observar as suas perspetivas.
- 2- A segunda questão referia-se aos possíveis constrangimentos e dificuldades no envolvimento, seguindo de uma resposta aberta, 2.2, para que pudessem transmitir as suas perspetivas quanto aos principais motivos desses constrangimentos. Estas questões tinham como objetivo identificar os principais obstáculos da relação escola-família, para que se pudessem encontrar estratégias para fortalecer o envolvimento.
- 3- A terceira questão pedia que as famílias avaliassem o grau de satisfação com o tipo de relação que existia entre a escola e a família na instituição do jardim de infância. Incluiu-se neste contexto o grau de satisfação, procurando perceber se as famílias se estavam a sentir integradas e avaliar as suas perspetivas em relação à instituição.
- 4- A quarta questão, de resposta aberta, pedia que as famílias apresentassem algumas estratégias para aproximar mais os contextos, dando assim, voz às mesmas. O objetivo desta questão era que, as famílias através das suas perspetivas, pudessem

contribuir com possíveis estratégias de aproximação, indo ao encontro das necessidades das mesmas.

- 5- Por último, a quinta questão pedia que as famílias partilhassem as suas opiniões relativamente às vantagens do envolvimento familiar. Esta questão procurava recolher os pontos de vistas das famílias em relação aos benefícios que a relação escola-família pode trazer, inspirando para novas estratégias.

Para o inquérito realizado em creche, o mesmo foi enviado em dezembro de 2024 e composto por 8 questões no total, sendo 4 de resposta aberta e 4 de resposta binária. Neste inquérito, obtive um total de 11 respostas. Mantive a mesma lógica, mas introduzi algumas alterações na estrutura deste inquérito. Retirei a questão relativamente ao grau de satisfação da instituição e centrei-me mais em questões relativamente ao meu percurso de estágio, de modo a tentar perceber se estaria a cumprir os meus objetivos, através da voz das famílias. Assim, a estrutura e objetivos do inquérito em creche, está organizado da seguinte forma:

- 1- As primeiras questões mantiveram-se iguais às do inquérito de jardim de infância, questionando se consideravam importante o envolvimento familiar nos contextos educativos, seguindo de uma resposta aberta, 1.1, para que, mostrassem as suas perspetivas relativamente à resposta dada anteriormente. Assim, conseguia perceber a importância que as famílias atribuíam à sua participação, valorizando as suas perspetivas.
- 2- A segunda questão também se manteve, questionando as famílias se consideravam que existiam constrangimentos/dificuldades, seguindo de uma questão de resposta aberta, 2.2, onde as famílias poderiam partilhar que dificuldades, no seu entender, existiam. Deste modo, era possível identificar barreiras e encontrar soluções para os obstáculos apresentados.
- 3- A terceira questão já foi reformulada em relação ao de jardim de infância, onde questiono se durante o meu percurso de estágio se sentiram integrados, seguindo de uma pergunta, 3.1, onde pudessem partilhar o motivo pelo qual não o sentiram. Estas questões tinham como principal objetivo, avaliar a minha intervenção através das respostas das famílias, obtendo dados mais concretos.
- 4- A quarta questão foi focada em questionar as famílias se consideravam que contribui de alguma forma no seu envolvimento no contexto educativo. Considerei uma

questão importante, pois pude recolher o feedback dos pais relativamente ao meu trabalho no fortalecimento das relações.

- 5- Por último, a quinta questão, referia para partilharem estratégias de envolvimento nos contextos educativos. Desta forma, poderíamos encontrar estratégias mais ajustadas, uma vez que, seriam realizadas a partir dos relatos das famílias. Poderiam surgir novas atividades ou novas formas de comunicação, por exemplo, que fossem ao encontro do espectável pelas famílias.

2.2.2 Observação participante

A observação participante foi um dos instrumentos centrais de recolha de dados durante a minha prática, que me permitiu interagir de forma direta com as crianças. Este instrumento possibilitou uma recolha mais profunda do dia-a-dia das crianças e das suas famílias, bem como das suas estruturas de formação. Esta recolha de dados foi essencial para uma análise e reflexão sobre a prática pedagógica.

A observação participante, foi, essencialmente, centrada na escuta da criança, um momento fundamental para uma maior compreensão do universo familiar e para a concretização dos meus objetivos. Como refere Hedegaard e Fleer (2008); Westcott & Littleton, (2005) citado por Folque, M. A. (2010), a maioria dos estudos indicam que escutar crianças não é ter acesso a pontos de vista claros, mas sim envolver-se em diálogos em contextos mais particulares e caraterísticos. Portanto, entrevistar crianças é um desafio, uma vez que, os seus pontos de vista poderão ser influenciados consoante o contexto. A escuta da criança criou-se através da comunicação/conversas informais em contexto educativo e sociocultural e teve como objetivo saber o que não é conhecido. Estas conversas informais, poderão levar a respostas mais naturais às questões levantadas. Levantei questões de modo que a criança partilhasse os seus pontos de vista, as suas experiências e vivências no seu meio familiar, assim, poderia conhecer mais o seu universo familiar e consequentemente, encontrar estratégias mais ajustadas e com mais significado.

2.2.3 Caderno de formação

O caderno de formação constituiu um instrumento fundamental na minha prática, uma vez que o mesmo me permitiu organizar toda a informação recolhida nos contextos educativos, registar todos os momentos e refletir sobre os mesmos e sobre as práticas desenvolvidas. Segundo Bell (1993, p. 41) é muito frequente que os profissionais desvalorizem a necessidade de tomar notas de campo/realizar registos. Porém, a experiência apresenta que todos os profissionais e estudantes necessitam de recorrer a esses registos sistemáticos. É necessário fazer registos e tirar apontamentos para a recolha de dados uma vez que, é através das notas de campo e das dimensões reflexivas que se pode recolher informações detalhadas sobre determinados momentos/diálogos ou situações específicas que me levarão à realização de atividades significativas.

Os autores Silva, Marques, Mata & Rosa (2016, p. 15), afirmam que planejar implica que o/a educador/a repense nas suas intencionalidades educativas de modo a promover experiências de aprendizagem e desenvolvimento que são adequadas ao grupo. As planificações estruturam as atividades a serem desenvolvidas, e foram elaboradas como fio condutor das notas de campo, uma vez que foram pensadas e planeadas segundo os registos que já tinha. Através das atividades desenvolvidas, foi necessário promover e potenciar o envolvimento familiar, assim como propor aos pais o desenvolvimento de atividades com os filhos, nas suas rotinas, e o seu envolvimento no contexto educativo.

2.2.4 Questões éticas

A investigação com crianças exige uma ética rigorosa, e deve considerar-se a criança como seres sociais, garantindo os seus direitos, dignidade e bem-estar em todos os contextos pelos quais a mesma passar. É fundamental que se construam espaços de diálogo entre educadores, pais, professores, investigadores, entre outros, promovendo uma reflexão crítica e decisões éticas que envolvem a criança. (Mesquita, 2020).

A Convenção sobre os Direitos das crianças (Assembleia Geral das Nações Unidas, 2019) reconhecem os direitos das crianças e reforçam a importância das investigações baseadas nos mesmos, deixando claro que “os direitos da criança são considerados como um *ius singulare* com relação a um *ius commune*” (Bobbio, 2004, p 21, citado em Mesquita, 2020). As crianças têm o direito de intervir, as próprias fornecem

informações específicas capazes de aumentar a relevância dos resultados. Alderson, (2005, citado por Mesquita, 2020), que reconhece a importância da participação das crianças na investigação, afirma que,

Envolver todas as crianças mais diretamente na investigação pode, deste modo, salvá-las do silêncio e exclusão e de serem representadas, erradamente, como objetos passivos, enquanto o respeito pelo seu consentimento informado ajuda a protegê-las das investigações camufladas, invasivas, exploradas ou abusivas. (p 263)

Assim, é importante a promoção da participação das crianças na investigação, como salvaguarda da sua proteção, adotando ainda práticas éticas que respeitam os direitos das mesmas, em expressar as suas opiniões e à liberdade de expressão.

A Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI) reconhece a ética como algo essencial na profissão. Defende a reflexão contínua sobre a prática pedagógica, bem como a tomada de decisões. A carta de Princípios da APEI baseia-se em três pilares éticos, são eles: A competência, a responsabilidade, a integridade e o respeito, os mesmos orientam a prática dos profissionais.

No que diz respeito ao compromisso com as crianças, a APEI considera essencial respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social ou necessidades educativas especiais, promovendo assim, a inclusão e os direitos presentes na Convenção Internacional. É necessário responder com qualidade às necessidades das crianças, garantindo todas as condições para o seu desenvolvimento. A relação com a criança, deve ser baseada na proximidade, respeitando a sua individualidade, sentimentos e potencialidades, utilizando a autoridade apenas como forma de promoção da autonomia. A aprendizagem e a socialização devem ser incentivadas num contexto aberto à comunidade. Por fim, é essencial respeitar o sigilo profissional, conhecer as leis de proteção às crianças, permanecendo em alerta para possíveis casos de abusos físicos ou psicológicos. (APEI, 2011).

Durante o meu percurso de estágio, procurei respeitar sempre as crianças, a sua individualidade e diferenças. Respeitei os seus direitos, nunca forçando nenhuma criança a participar nas atividades planeadas e mantive sempre a confidencialidade de informações que me foram transmitidas durante todo o processo, utilizando-as apenas para fins da formação. Durante o estágio, por vezes, refletia sobre se todas as crianças deveriam participar nas atividades planeadas, ou se, deveria respeitar quando não queriam participar. Pensava que, ao

não participarem, poderiam ficar menos integradas, e esse não era o objetivo. No entanto, apesar desta minha dúvida, compreendi que respeitar as vontades das crianças, era essencial, uma vez que também elas têm interesses e vontades próprias, e as mesmas têm que ser respeitadas, dando voz à criança. Isso refletiu-se em algumas atividades que foram realizadas ao longo do estágio, por vezes, algumas crianças não mostravam interesse em participar e fui respeitando sempre as suas vontades.

No compromisso com as famílias, a APEI reforça a importância de estabelecer relações de colaboração onde se promove a participação das mesmas, formando parcerias. É necessário manter o sigilo sobre a família, exceto em situações que comprometam a segurança das crianças e fornecer informações claras sobre a instituição e desenvolvimento da criança. É necessário demonstrar disponibilidade para reunir em grupo ou individualmente de forma a dar apoio às famílias. (APEI, 2011). Tentei sempre, durante o estágio, respeitar e conquistar a confiança das famílias, envolvendo-as no contexto educativo. Questionei-me várias vezes sobre como agir quando algumas famílias participavam mais que outras. Estaria a valorizar umas e outras não? A partir destas dúvidas, tentei criar estratégias para que todos participassem. Por exemplo, como alguns familiares não podiam estar presentes fisicamente na sala, tentei criar atividades para que eles se envolvessem em casa, com os filhos. Mantive o sigilo sobre conversas e informações que me foram transmitidas, (como por exemplo, a preocupação da mãe da K. relativamente à alimentação da criança, um episódio que decorreu durante o estágio), utilizando estas informações apenas no meu percurso académico. Criei oportunidades de diálogo e abertura para com as mesmas, de forma a dar apoio às famílias, sempre que necessário.

No compromisso com a equipa de trabalho e entidade empregadora, os profissionais devem colaborar e respeitar as regras bem como toda a equipa pedagógica, apoiar na tomada de decisões difíceis, e em caso de desvios graves na prática, agir e colocar os interesses das crianças acima dos seus próprios interesses. (APEI, 2011). Este compromisso esteve presente nas partilhas e diálogos que mantinha com as educadoras cooperantes ou auxiliares de ação educativa, respeitando sempre as normas de funcionamento. Colaborei na rotina diária, dando sempre o apoio necessário para promover o bem-estar de todas as crianças.

No compromisso com a comunidade e sociedade, é importante conhecer e respeitar tradições, estabelecer cooperação com diferentes entidades educativas da comunidade, agir de forma responsável como cidadãos, acompanhar políticas públicas educativas bem como lutar por uma educação de qualidade. (APEI, 2011) Tive a oportunidade de envolver as crianças e

famílias com a comunidade e sociedade, como nas saídas que tivemos ao exterior, nomeadamente à biblioteca municipal de Évora, ao parque infantil ou aos mercados, onde se evidenciou a diversidade dos vários contextos, respeitando-os e valorizando-os.

Segundo a carta da APEI, (2011), há uma necessidade de os profissionais de educação manterem uma atitude ética permanente, cuidando do seu bem-estar físico e psicológico, manter uma conduta onde estão presentes valores como o respeito e a confiança, o trabalho em equipa, a formação contínua e procurar ultrapassar as dificuldades, de modo a responder com qualidade às exigências da profissão.

Capítulo III- Investigação-ação-formação em jardim de infância

3 Caracterização do contexto institucional em jardim de infância

3.1 O projeto educativo da instituição e a sua organização

A instituição teve a sua génese em setembro de 1987, quando um grupo de educadoras decidiram criar o seu próprio projeto e emprego. A instituição está localizada no centro histórico de Évora e formou-se uma associação sem fins lucrativos. As IPSS são constituídas por particulares, isto é, não são administradas pelo Estado ou um corpo autárquico. Caraterizam-se, essencialmente, pela ausência de finalidade lucrativa e por darem expressão ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos. Podem ter objetivos de “apoio social à família, crianças e jovens, idosos e integração social e comunitária, mediante a concessão de bens e a prestação de serviços”. (Instituto da Segurança Social, 2014, p.4)

Uma vez que se localiza no centro da cidade, pode tirar proveito de espaços como o Teatro Garcia e da praça Joaquim António de Aguiar, onde contém espaços ao ar livre que potenciam as aprendizagens. Além disso, o facto de se situar no centro, pode beneficiar de toda a comunidade como a biblioteca pública, o museu, a Fundação Eugénio de Almeida, o jardim público, o comércio, praças, a Ludoteca, entre outros potenciadores de aprendizagens. Com o passar dos anos, a instituição aderiu ao programa Eco Escolas e tem executado parcerias a Foco musical, a câmara Municipal de Évora e a Universidade.

As instalações estão divididas entre o 1º e 2º andar contendo salas de creche, jardim de infância e de ATL:

- Salas de creche: I, II e III;
- Salas de jardim de infância: I, II e III;
- Salas de ATL: I e II.

A instituição define ainda como prioridade alguns objetivos, como a promoção do bem-estar e desenvolvimento da criança, colaboração com a família, proporcionar à criança o contato com o mundo exterior, desenvolver o respeito pela natureza, estimular a cooperação, a responsabilidade e a cidadania.

3.2 Trabalho com famílias e comunidade

A participação ativa das famílias era uma prioridade para este jardim de infância, pois sempre valorizaram a colaboração, a interação e o envolvimento das mesmas. Como forma de fortalecer essas parcerias que foram criadas ao longo dos anos, além dos contactos informais diariamente entre os dois contextos, foram promovidas diversas iniciativas, tais como:

- Reuniões de encarregados de educação, estas eram realizadas no início do ano, como forma de recolher ideias e sugestões que pudessem contribuir para a construção do projeto educativo.
- Reuniões pontuais, sempre que necessário, para auxílio na resolução de problemas ou trocas de informação;
- Momentos de convívio, como as festas de Natal, festas do Dia da Família, festas de fim do ano, entre outros momentos que fortalecessem os laços entre a comunidade educativa e as famílias.
- Diálogo contínuo, em momentos como o acolhimento/despida, através de meios digitais com partilha de informação e momentos do dia-a-dia.

Esta instituição visa como um grande objetivo, promover um ambiente aberto e colaborativo para facilitar a resolução de problemas relacionados com as crianças, e deste modo, assegurar a participação ativa das famílias na vida da instituição e da vida escolar das crianças. Tem ainda colaboração e parcerias com entidades da comunidade envolvente, nomeadamente:

- Universidade de Évora;
- Escola Profissional da Região Alentejo;
- Outras escolas e entidade de formação profissional;
- Associação Chão dos Meninos;
- Instituto de emprego e Formação.

Durante o meu estágio, pude observar como estas práticas estavam presentes no dia-a-dia da sala. Havia diálogos constantes com as famílias, quer fosse nos acolhimentos e despedidas, ou através do grupo de WhatsApp, onde se faziam trocas de informações, convites e partilhas de fotografias diárias do dia-a-dia no jardim de infância. Nestes momentos, pude observar como se promoviam as relações neste contexto, além de ter tido a oportunidade de estar

presente em momentos de convívio e festivos, como o Dia do Pai ou o Dia da Família, onde as famílias estavam presentes e envolvidas, reforçando o trabalho que existe nesta instituição na construção de relações próximas e de comunicação constante com os familiares.

3.2.1 O que pensam as famílias do Jardim de infância sobre a participação e envolvimento das famílias neste contexto?

As respostas obtidas nos inquéritos realizados às famílias, revelaram as diferentes perspetivas das mesmas a cerca da importância do envolvimento familiar. A análise permitiu compreender a forma como as famílias pensam sobre o valor do envolvimento parental, as dificuldades que sentem e as estratégias que podem contribuir para fortalecer as relações. Assim, o tratamento dos dados resulta numa análise descritiva dos resultados, procurando dar voz às famílias através das suas próprias palavras.

Quando foram questionadas na primeira questão, sobre a importância da reação escola-família, todas as famílias responderam de forma positiva, o que evidencia o reconhecimento do valor destas parcerias e demonstra uma consciência generalizada acerca da importância que esta ligação tem no desenvolvimento das crianças. Na seguinte questão 1.1, foram convidados a justificar as respostas anteriores com dois aspetos. Organizei as mesmas por diferentes categorias, de acordo com os aspetos destacados pelas famílias. As categorias utilizadas para agrupar as justificações foram: Desenvolvimento/ Crescimento/ Ultrapassar dificuldades, Conhecimento/ Aprendizagens/ Partilha, Respeito/ Confiança/ Segurança, Comunicação/ Troca de experiências/Relações entre famílias.

Verifica-se que no primeiro grupo, “Desenvolvimento/Crescimento/Ultrapassar dificuldades”, várias famílias referiram que a relação entre escolas e famílias contribui diretamente para o crescimento das crianças, permitindo acompanhar melhor o seu percurso. Uma das respostas realça isso mesmo, quando afirmaram que “através dessa relação acompanhamos melhor o desenvolvimento pessoal e social do educando e conseguimos intervir em “duas frentes” para melhorar falhas no crescimento da criança”. Outra família acrescentou que “contribui para melhorar o desenvolvimento, quando existe cooperação de ambas as partes o elo de ligação transparece tranquilidade e segurança e isso passa para a criança.”. Também surgiram outras ideias que reforçaram que ajuda a “ultrapassar dificuldades e para o crescimento da criança.”, “facilita o desenvolvimento e aprendizagem da criança” e “é

importante para o desenvolvimento cognitivo e social da criança”. Isto sugere que as famílias consideram que a relação escola-família contribui significativamente para o desenvolvimento e crescimento das crianças, bem como no suporte para ultrapassar dificuldades em conjunto da melhor forma possível. Esta visão vai também ao encontro da teoria pois, de acordo com Deslandes (2001) citado por Mata & Pedro (2021, p. 11), as relações de confiança entre os familiares e os profissionais de educação, promovem o conhecimento integral de cada criança percebendo quais os seus pontos fortes, quais as suas maiores fragilidades, e deste modo, entende-se que as dificuldades que se atravessam serão ultrapassadas com maior facilidade. As respostas obtidas podem sugerir, portanto, uma consciência por parte das famílias relativamente à importância do seu envolvimento na educação das crianças, em linha com o que defendem os autores da referência.

No que diz respeito ao grupo “Conhecimento/Aprendizagens/Partilha”, as famílias reconhecem que a relação escola-família favorece o desenvolvimento de aprendizagens, mas também a partilha de saberes e experiências entre ambos os contextos. Isto reflete-se quando responderam que “permite às famílias compreenderem o trabalho da equipa educativa.”, ou quando mencionaram “porque somos pais e conhecemos os nossos filhos, assim, queremos estar presentes em momentos do jardim de infância ou participar com ideias na vida do colégio e porque cada família é diferente e cada criança também, e por isso, enriquecemos uns com os outros”. Percebe-se que os pais podem valorizar que haja espaço para troca de partilhas, de diálogo, saberes e experiências, de modo que se construam boas relações, essencial para enriquecer aprendizagens e a compreender melhor o processo educativo.

O grupo “Respeito/Confiança/Segurança”, permite perceber que é possível que as famílias valorizam a confiança mútua e a segurança emocional proporcionadas pela proximidade entre as famílias e a escola. Conforme afirmam Mata & Pedro (2021, p. 11) é importante criar relações próximas, uma vez que a mesma irá transmitir à criança uma imagem valorizada do contexto educativo, transmitindo-lhe segurança. Os pais referiram aspetos relacionados afirmando, “a confiança e o respeito” ou “haver mais intimidade e cumplicidade entre pais e educadores” e “conhecermos as crianças que convivem todos os dias com os nossos filhos”. Estas palavras das famílias, indicam a possibilidade de que valorizam sobretudo um ambiente onde haja confiança e respeito mútuo, aspetos promotores de um bom ambiente entre os dois contextos.

Por fim, o grupo “Comunicação/Troca de experiências/Relação entre famílias”, a maioria das famílias considera que a relação escola-família é fundamental para promover uma comunicação eficaz entre os dois contextos, facilitando a troca de experiências e o fortalecimento dos laços. Muitas respostas centraram-se na importância de trocas de experiências entre a escola e a família, como por exemplo: “Trocas de experiências entre os dois contextos, estreitar relações entre crianças, pais e profissionais de educação”, “Permite que o professor e pais consigam dialogar sobre aspetos de incentivo ao aluno e melhorias que possam ser necessárias para o desenvolvimento curricular e pessoal”. Os pais valorizam a comunicação aberta e constante e vêem essa abertura como um meio para reforçar as relações.

Em relação à segunda questão, onde foi questionado se consideravam que existem constrangimentos /dificuldades na relação escola-família, as opções de resposta eram “sim” e “não”. Através da análise das respostas, é possível verificar que apenas 2 famílias consideram haver constrangimentos/dificuldades na relação escola-família e 13 consideram não existir constrangimentos. Estes dados revelam que, embora as famílias reconheçam a importância desta relação, também identificam alguns obstáculos que podem dificultar uma participação mais ativa e próxima. Por outro lado, a maioria respondeu de forma positiva, isso pode mostrar que, para uma grande parte das famílias, essa relação decorre sem dificuldades visíveis, demonstrando também o trabalho que existe na instituição com as famílias. As respostas obtidas nesta questão são relevantes para a reflexão sobre o papel do/a educador/a na criação de estratégias que minimizem esses constrangimentos. A escuta ativa das famílias e a sua valorização como parceiras no processo educativo revelam-se fundamentais para ultrapassar esses obstáculos em conjunto.

A questão 2.1. direcionava-se às famílias que responderam “sim” à questão anterior. Deste modo, as famílias que consideraram haver dificuldades apresentaram como principais constrangimentos “a falta de comunicação e disponibilidade” e “os horários de funcionamento e por vezes não deixam passar a informação do que se passa na escola para casa”. Estes constrangimentos sugerem que, mesmo quando existe uma relação positiva, continuam a existir dificuldades, quer na comunicação, quer nos horários. Por isso, cabe aos educadores encontrar estratégias que as minimizem, promovendo a aproximação dos contextos. Segundo Mata & Pedro (2021, p. 14), as diferenças de valores, objetivos e expectativas, podem contribuir para a dificuldade da comunicação entre familiares e profissionais de educação, assim como a

pressão do mundo laboral, que, neste caso, se relaciona diretamente com a articulação de horários.

Na terceira questão, foi apresentado uma escala com o objetivo de perceber o grau de satisfação relativamente à relação existente entre as famílias e a instituição. Numa escala de 1 a 5 (em que 1 correspondia a “nada satisfeito” e 5 a “muito satisfeito”), 13 famílias indicaram o grau de satisfação correspondente a “muito satisfeito”, apenas uma família refere que o seu grau de satisfação se encontra no nível 4, correspondente a “bom” e por fim, uma resposta correspondeu ao grau “satisfeito”. De forma geral, pode perceber-se que se sentem incluídos, próximos, acolhidos e integrados pelo contexto educativo. Estas respostas sugerem que há um trabalho consistente por parte da instituição, em relação ao envolvimento familiar, as famílias reconhecem isso e sentem que fazem parte do processo e têm voz no mesmo.

Na quarta questão, interessou-me ainda, perceber quais as estratégias que as famílias pensam que podem ser utilizadas para construir uma relação mais próxima com as famílias e as escolas. Esta questão agrupei também por categorias, sendo elas: “Envolvência das famílias nas várias atividades do contexto educativo”, “Comunicação, partilha, meios tecnológicos”, “Reuniões”, “Disponibilidade de ambas as partes” e “Compreensão de diversas realidades familiares”.

Relativamente à categoria “Envolvência das famílias nas várias atividades do contexto educativo”, podemos observar que as famílias revelam que uma das estratégias para a construção de relações próximas entre famílias e escolas, é o envolvimento das famílias em várias atividades do contexto educativo. Tal como afirmam nas suas respostas: “eventos na escola com a participação das famílias”, “fazendo atividades envolvendo escola e família (Dia da Família, festa de Natal, festa de final de ano...), “mais atividades comuns”, e “convidar as famílias a participarem nas atividades”. Estes testemunhos revelam que possivelmente as famílias consideram importante e sentem a necessidade de estar envolvidos e partilhar as experiências em conjunto.

Cerca de duas famílias referem que a comunicação aberta entre os dois contextos, a partilha de informações e as tecnologias como forma de diálogo informal, são estratégias de aproximação. Tal como afirmam “a criação de grupos através das redes sociais, aproxima mais as famílias e as escolas, assim como atividades que promovam a junção com a comunidade escolar.”, esta afirmação pode demonstrar como as famílias consideram que utilizar os meios

tecnológicos, pode ser uma estratégia de aproximação e uma forma de comunicação. Além desta afirmação, outras famílias também reforçaram que “a tecnologia é uma ferramenta que pode facilitar a comunicação e a troca de experiências”. A troca regular de informações, quer seja presencial, seja com o apoio das tecnologias, pode ser um meio de fortalecimento das relações e da comunicação, tal como afirmam Mata e Pedro (2014) “o website ou Facebook também poderão ser vias excelentes para informar os pais sobre atividades na comunidade em que podem participar com os seus filhos.” (Pág.43)

Duas famílias referiram as reuniões entre educadores e encarregados de educação um meio para atingir este fim, “reuniões de pais, atividades entre a escola, a criança e os pais”, “reuniões e uma comunicação aberta entre pais e escolas”. Para algumas famílias é notório como as reuniões podem ser meios eficazes de comunicação e é uma estratégia necessária e útil para fortalecer as relações.

Apenas uma família apresentou a disponibilidade para estar presente nos contextos educativos, como um fator importante na construção de relações próximas, observamos isso quando mencionam “diálogo e disponibilidade de ambas as partes”. Sabemos que os horários e a falta de tempo são um dos grandes constrangimentos para manter relações próximas entre os contextos, e por isso, tentar encontrar alguma disponibilidade, é essencial para atingir este propósito.

E por último, uma família também refere que é importante a compreensão da diversidade das realidades familiares, uma vez que nem todos podem estar presentes de igual forma nos contextos educativos, por várias questões. Como referem no inquérito “compreensão pelas especificidades e realidades de cada família”. É necessário, portanto, que haja a necessidade de respeitar e compreender a diversidade familiar, as suas condições e disponibilidades.

Por último, na quinta questão, pretendia-se entender quais as vantagens do envolvimento familiar nos contextos educativos. A análise foi também agrupada por categorias, sendo elas: “Segurança da criança/Comunicação”, “Permite a observação do desenvolvimento da criança a vários níveis/Maior conhecimento da criança e dos familiares”, “Facilidade na resolução de problemas”, “Bem-estar da criança, famílias e profissionais de educação”, “Maior compreensão do trabalho desenvolvido”.

Relativamente às vantagens do envolvimento familiar, duas famílias referiram que uma das principais vantagens está na segurança e na facilidade de comunicação. Algumas respostas das famílias evidenciam isso quando afirmam que as vantagens da proximidade entre a escola e as famílias trazem: “maior segurança da criança, empatia e conhecimento de cada contexto familiar”, “melhor comunicação com os filhos, casa/escola e vice-versa, maior segurança”. Estas afirmações revelam que, para algumas famílias o envolvimento parental reforça a confiança, tornando as relações mais próximas.

Algumas famílias destacaram como principal vantagem o facto de esta relação permitir acompanhar de forma mais próxima o desenvolvimento progressivo da criança. Os pais destacaram que o envolvimento conjunto “promove o desenvolvimento das crianças”, “facilita o desenvolvimento e aprendizagens das crianças” e permite “acompanhar o desenvolvimento dos filhos, assim como as suas dificuldades e necessidades”. Estas respostas mostram que as famílias valorizam a possibilidade de apoiar e de acompanhar o percurso escolar dos filhos.

Houve uma família que disse que a principal vantagem é a facilidade de resolução de problemas quando os contextos são mais próximos. Tal como referiram, existe “mais proximidade e abertura para a resolução de problemas que venham a surgir”. A comunicação é um bom meio para ultrapassar dificuldades, transmite confiança e estabelece condições favoráveis para que se ultrapassem as dificuldades.

Para além disso, duas famílias afirmam o bem-estar como uma vantagem das relações próximas, isto reflete-se quando referem que a proximidade entre escolas e famílias é vantajoso porque “promove o bem-estar das crianças e das famílias” e “traz bem-estar profissional”. Assim, concluímos que, para algumas famílias o envolvimento traz também um clima de harmonia e tranquilidade para todos os que fazem parte da comunidade educativa.

Por último, as famílias compreendem que a vantagem está relacionada com a compreensão do trabalho que se está a desenvolver com os seus filhos, tal como mencionam: “permite às famílias compreenderem o trabalho desenvolvido pela equipa educativa” e “percebemos qual o ambiente que se vive na sala (...)”. Há uma valorização das famílias no que toca à compreensão e acompanhamento do percurso dos filhos e do que se vive na sala. As famílias terem conhecimento do que se faz e porque se faz determinada atividade, isso transmite uma sensação de segurança às famílias, e consequentemente, às crianças.

Numa análise geral, concluo com este inquérito que as famílias estão a par da importância de estarem envolvidos no contexto educacional dos seus filhos, tendo em conta os resultados da primeira questão, onde todos os inquiridos revelam que é importante a relação próxima dos contextos. É possível observar que, existe uma grande proximidade entre a instituição e as famílias, pois o grau de satisfação da relação escola-famílias reflete isso mesmo, onde o maior número dos inquiridos refere que está muito satisfeito com a relação obtida. O fato de haver apenas duas respostas à apresentação de dificuldades/constrangimentos, poderá também estar relacionada com o fato de haver um grande trabalho de proximidade das famílias e da instituição, e deste modo, não considerarem haver qualquer tipo de constrangimentos.

Porém, é necessário verificar que as duas respostas referem que os impedimentos às relações próximas são a falta de comunicação e a articulação de horários, por isso, podemos avaliar as respostas obtidas às estratégias, como forma de encontrar uma resposta para as dificuldades apresentadas. Surge a seguinte resposta dada por uma família: “melhorar a comunicação através de conversas informais da partilha e através dos meios tecnológicos.” Assim, se formos partilhando novidades do dia-a-dia através dos meios tecnológicos, reforça-se a comunicação entre os contextos. Outra estratégia que considero interessante para a resolução deste problema, é a compreensão de diferentes realidades familiares. Nem todos os familiares conseguem de igual modo ter disponibilidade, os horários podem influenciar na sua presença nas instituições. Poderia surgir uma eventual criação de atividades ou projetos que visam dar voz aos familiares que não podem estar presentes, para que possam expressar os seus pontos de vista. Deste modo, para além de tentarmos chegar a todos os pais, damos espaço e oportunidade de encontrar soluções para promover o envolvimento e ainda fortalecemos a comunicação e partilha.

3.3 Promover o envolvimento das famílias no jardim de infância

O envolvimento das famílias foi o objetivo central da minha prática em jardim de infância, e isso, assumiu diferentes formas ao longo do meu percurso. Esta parte encontra-se organizada por ordem cronológica, procurando observar o desenvolvimento da investigação e do meu percurso de aprendizagem enquanto estagiária. As atividades foram pensadas e estruturadas a partir da observação do dia-a-dia da instituição, do conhecimento e da escuta da criança e das famílias. Esta parte está então organizada da seguinte forma:

No ponto 3.3.1, “Cultivando as interações com as famílias”, começo por apresentar e falar nos diálogos informais que fui estabelecendo com as famílias, como é o caso do acolhimento e da saída e falo também na atividade do painel das famílias, como forma de compreender melhor as vivências, hábitos e costumes de cada uma.

Relativamente ao 3.3.2, “A participação e o envolvimento das famílias”, que integra atividades que promoveram a presença das famílias, como o Dia do Pai e a construção da manta.

Por último, o ponto 3.3.3, “A comunicação com as famílias”, onde menciono as formas de diálogo que foram estabelecidas, desde os convites ao feedback recebido pelas famílias e também uma reflexão sobre este estágio e as aprendizagens e dificuldades pela quais passei.

3.3.1 Cultivando as interações com as Famílias

As interações com as famílias dizem respeito aos momentos de presença, de partilha e de envolvimento direto entre elas e a comunidade educativa. Desde cedo percebi a importância de estabelecer momentos em que se fortalecessem as interações. Este processo em jardim de infância, aconteceu de forma gradual, porém, com alguma incerteza da minha parte. Procurei encontrar oportunidades de diálogo informal, além de todas as atividades planeadas e utilizava o acolhimento e a saída das crianças, como forma de estabelecer mais proximidade e confiança com as famílias. Procurar manter o diálogo e as interações com os pais, é um dever dos educadores de infância, e por isso, todos os dias seriam para manter essa interação.

Durante o meu percurso de estágio, procurei respeitar eticamente todas as famílias e crianças. Relativamente às crianças, respeitei as suas vontades mantendo uma postura de proximidade e garanti a confidencialidade de informações. Em relação às famílias, tentei manter também uma relação de proximidade, criando diálogos e partilhas diárias, assegurando ainda o sigilo de todas as informações transmitidas. Deste modo, assegurei um estágio baseado em princípios éticos e de confiança.

No início, sentia-me um pouco insegura e com receio de intervir. Para mim, enfrentar as famílias era algo que sempre receava e senti que o meu percurso em jardim de infância foi um pouco marcado pela minha insegurança em agir e falar com as famílias. Mas, com o passar dos dias, fui adquirindo mais confiança em cada conversa, por mais breve que fosse, mas já era

um passo para me aproximar dos meus objetivos. As tentativas de conversas durante o acolhimento e a despedida, os conselhos da educadora cooperante, o recorrer a ferramentas digitais, como o grupo do WhatsApp para partilhar momentos e vivências, e a tranquilidade dos pais ao conversarem comigo, foram meios que me auxiliaram a ganhar mais confiança e a tornar este processo mais fácil e tranquilo. Ao longo deste processo fui entendendo como a comunicação aberta pode favorecer as relações de confiança, e pequenos momentos de partilha diários, como o relato ou a partilha de fotos de uma atividade num grupo de WhatsApp, podem fazer a diferença, e o uso das novas tecnologias, são meios que facilitam muito a comunicação. Segundo Mata & Pedro (2014), “os Recados/Mensagens são usados/usadas pela generalidade dos profissionais, pois não só são fáceis de elaborar como constituem uma via rápida de fazer chegar a mensagem aos pais.” (Pág.41), por isso, estes são mais fáceis para conseguirmos manter o contato com as famílias de forma simples e eficaz.

Os resultados dos inquéritos realizados às famílias, reforçam esta perceção quando uma das famílias destacou que “a tecnologia é uma ferramenta que pode facilitar a comunicação e a troca de experiências”, ou quando outra família referiu “a criação de grupos através das redes sociais, que aproximam mais as famílias e as escolas”. Este contato frequente, facilitou o meu dia-a-dia na construção de relações mais próximas, quer fosse através de diálogos informais ou através das tecnologias. Foram pontos essenciais para melhorar a minha insegurança e tentar chegar cada vez mais ao meu objetivo.

Um dos primeiros momentos em que tive uma interação mais alargada, aconteceu em março de 2023, na comemoração do Dia do Pai, que era um momento em que os pais estavam presentes no contexto educativo. Este momento envolveu um pequeno lanche na sala e a realização de algumas experiências no laboratório de ciências. Durante o recreio conversei com algumas crianças sobre como tinha sido o Dia do Pai nas suas casas:

Eu: Como foi o Dia do Pai? O teu pai gostou da tua prenda?

C. (4 anos): O meu pai gostou muito da minha prenda porque ele é como eu, também gosta muito de ver girafas e zebras.

Eu: Vêm aqueles programas que aparecem muitos animais na selva? C.: Vimos no Youtube, zebras, cavaleiros... muitas coisas. Eu: A sério? E o que costumava fazer mais com o pai? No fim-de-semana devem ter feito muitas coisas giras.

C.: Vou passear no parque, brincar, comer um gelado. A mãe e o pai bebem um café e jantamos na casa do meu padrinho.

Eu: Uau, os fins-de-semana são sempre em família e muito animados!

C.: No sábado vamos sempre passear a algum lado.

(...)

Durante a tarde, fiquei a receber as famílias e a acolhê-las no lanche preparado para as mesmas. Uma vez que o tema do meu relatório será o envolvimento familiar nos contextos, faria todo o sentido poder ter este contato com as mais diversas famílias. E assim foi... tive a oportunidade de receber as famílias, oferecer-lhes o nosso lanche e comunicar com elas um pouco mais. Perguntei a alguns pais se estavam a gostar do nosso lanche, se tinham gostado das prendas do Dia do Pai e tentei ainda que as crianças dissessem aos pais o que tinham feito no dia de hoje, para uma maior comunicação e interação com todos. Alguns pais interagiram mais que do que outros, porém foi gratificante esta interação e uma mais-valia. (Caderno de Formação, 20 de março)

Estas iniciativas de participação permitiram-me entender como são realmente importantes, uma vez que é com elas que podemos conhecer as famílias, falar com elas e tronam-se experiências enriquecedoras para todos, uma vez que o diálogo fortalece as relações. Neste dia pude ter comunicações mais alargadas com os familiares, e conhecê-los melhor.

Como senti que ainda não era o suficiente, no início de maio, surgiu a criação do painel das famílias de modo a explorar e a conhecer mais sobre o universo familiar das crianças. Procurei criar uma atividade em que as crianças pudessem expressar, através do desenho e do diálogo, aquilo que mais gostam de fazer com a sua família. A atividade foi estruturada de forma a incluir todas as crianças, valorizando a diversidade das experiências de cada família. Utilizámos papel de cenário para a concretização do mesmo e no centro do papel colocámos a seguinte questão: “O que mais gostamos de fazer com as nossas famílias?”. Através desta questão, surgia uma linha onde foi escrito, junto com as crianças, o que as mesmas mais gostavam de fazer em conjunto com os seus familiares. Posto isto, cada criança desenhou no papel, junto à sua frase, o desenho da sua família. Surgiram algumas frases, tais como: “Eu gosto de passear com o avô e com a avó”, “Eu gosto de andar de kartes com o meu pai”, “Eu gosto de fazer piqueniques com a avó e com o avô”, entre outros. Esta atividade tinha como

principal objetivo conhecer os vários universos familiares, e através dela, poderíamos perceber como cada criança e família tinha gostos diferentes, pois todos têm hábitos e costumes distintos, e por isso surgiu uma grande variedade de respostas por parte das crianças. Em conjunto com a educadora cooperante, pensámos que seria interessante expô-lo no Dia da Família e da espiga, que se iria realizar no dia 18 de maio, para a observação de todos.

Foi possível observar que as crianças gostam de falar sobre os seus familiares uma vez que quando fiz a questão, as crianças demonstraram muito entusiasmo ao falar sobre a sua família. Algumas crianças têm tendência a estar um pouco mais desatentas nas reuniões de grande grupo, e ao iniciar esta atividade em grande grupo, surgiu um grande receio de a realizar, uma vez que poderia não correr como esperado, porém foi uma surpresa grande quando me apercebi que as crianças permaneciam concentradas no decorrer da mesma. Uma das crianças que observei foi o A. que é uma criança muito desafiadora, e neste momento permanecia muito concentrado à espera da sua vez para revelar o que mais gostava de fazer com a sua família, e quando chegou a sua vez demonstrou uma certa alegria enquanto se expressava. A família é o meio mais próximo da criança e por isso é necessário que a criança sinta essa proximidade também no seu contexto educativo. (Caderno de formação, 9 de maio)

Figura 2

Imagens da construção do painel das famílias com as crianças (esquerda) e painel das famílias (direita).



3.3.2 A participação e envolvimento das famílias

Ao longo do meu percurso de estágio, tentei promover momentos de proximidade, interação e participação com as famílias das crianças. Acredito que o contato é essencial para a construção de relações de confiança, cooperação e partilha. Neste sentido, decidi, após a leitura da história “A Manta” de Isabel Minhós Martins, criar uma atividade que envolvesse diretamente as famílias. A história fala-nos de uma manta feita de vários retalhos, onde cada pedaço conta uma história especial. Inspirada nesta ideia, propus que cada criança levasse para casa um tecido e, com a sua família, criasse uma história significativa ligada à sua realidade e vivências.

De modo a iniciar esta atividade, elaborei um convite dirigido às famílias, com o objetivo de as sensibilizar para a importância da sua participação. O convite e o tecido foram entregues em mão aos familiares, no início do mês de maio, durante o acolhimento e a despedida, para que levassem para casa e, assim, se envolvessem com significado. Esta proposta foi criada para que houvesse um momento especial de partilha entre famílias e crianças, e ao mesmo tempo para que se envolvessem mais no contexto educativo. Consequentemente, possibilitou conhecer melhor os familiares através das suas histórias. Esta foi uma forma de comunicação, que permitiu envolver as famílias e mostrar-lhes que a sua participação era essencial para a concretização da atividade.

É de salientar que as famílias sentem que envolvê-las e convidá-las para participarem nas atividades, é fundamental para construir relações positivas. Podemos observar isso quando uma família afirmou no inquérito que uma das estratégias que poderiam ser utilizadas para construir relações próximas era “convidar as famílias a participarem nas atividades (...)”, isso demonstra que o meu convite para que os familiares participassem, fez todo o sentido, uma vez que, correspondeu às expectativas e à voz das famílias.

Figura 3

Imagem do convite de colaboração enviado aos pais.



Quando as famílias começaram a trazer os seus pedaços de tecido já elaborados, seguiu-se a construção da manta na sala, onde as crianças me auxiliaram no processo, enquanto eu colava os tecidos com cola quente. A construção demorou alguns dias até estar pronta, mas tínhamos uma data-limite, que seria até ao Dia da Família. Durante o processo de construção da manta, surgiam vários diálogos com as crianças:

M.: Eu gosto mais do meu.

Eu: E porquê?

M.: Porque é o meu e sou eu e os pais.

Eu: Pois, quando é nosso tem mais significado. E é só por isso? Não gostaste de ter sido feito em tua casa?

M.: Sim, gostei também porque fiz com os pais.

A conversa com a Margarida deixou-me contente. Sinto que algumas crianças não ficaram com a ideia que lhes quis transmitir relativamente à atividade da manta. Queria que as mesmas sentissem que os pais estão envolvidos nos seus contextos

educativos, que fazem parte deste processo e que por isso esta atividade era importante, pois era significativa para as crianças. Porém, creio que com esta conversa algumas crianças também adquiriram a ideia, que a realização da manta, queria transmitir. (Caderno de Formação 15 de maio)

O facto de a M. ter referido que o tecido preferido dela era o seu, demonstra o significado que atribuiu à atividade. Deste modo, planeou-se algo mais significativo para a criança, cumprindo assim um dos objetivos da atividade e dos meus objetivos gerais. É possível questionar se a M. associou a atividade à importância de a realizar em conjunto com a sua família, e pela sua resposta, considero que sim.

Figura 4

Imagens da construção da "manta" com as crianças (esquerda) e da manta (direita).



Quando terminámos a construção da manta, a mesma foi exposta no Dia da Família/Dia da espiga, que comemorámos no dia 18 de maio, no parque infantil de Évora com um piquenique. Este dia foi marcado pela presença de todas as famílias, crianças e da comunidade educativa. Pelas 10h seguimos para o parque infantil e começámos por preparar tudo incluindo a apresentação da nossa manta e do nosso painel da família. Foi colocada uma corda entre duas árvores e pendurámos a manta e o painel para observação de todos. A interação foi visível nos

olhares atentos, nas conversas partilhadas entre crianças e famílias junto à manta, e no envolvimento que cada família demonstrou ao participar na atividade. Foi um momento de verdadeiro encontro e partilha, em que o envolvimento familiar ganhou corpo e expressão.

Quis sempre transmitir às famílias o quão importante foram as suas intervenções, uma vez que é necessário o envolvimento familiar e através da nossa manta e do painel, poderíamos observar uma grande diversidade de histórias, todas elas importantes e significativa. A experiência deste dia permitiu uma maior interação com todas as famílias, uma vez que era um dia em que quase todos estariam presentes. Nesse sentido, foi essencial para manter um diálogo com os pais que senti maior dificuldade em manter contato, de manter o vínculo e aproximar-me mais das famílias para criar relações positivas. Sabemos que envolver os pais e manter o contato, é essencial e isto vai ao encontro dos resultados dos inquéritos realizados às famílias.

Quando as famílias foram questionadas na questão 1, sobre a importância da relação escola-família, todos os inquiridos responderam de forma positiva, o que reforça demonstra que têm consciência da importância destas relações. Quando na questão 1.1, onde justificaram a resposta anterior, surgiram argumentos escritos pelos pais como: “Porque somos pais e conhecemos os nossos filhos, assim, queremos estar presentes em momentos no jardim de infância ou participar com ideias na vida do colégio e porque cada família é diferente e cada criança também, e por isso, enriquecemos uns com os outros”. Também outros pais referiram que acreditam que esse envolvimento seja importante para que haja relações de confiança e respeito e é potenciador de uma maior cumplicidade entre pais e educadores. Estas respostas confirmam a importância atribuída a estas atividades que foram criadas a par com as famílias, evidenciando que as famílias se sentem bem quando são integradas no contexto educativo dos filhos, e este dia, foi promotor de tudo isso.

À medida que as famílias chegavam, ia ter com as mesmas para que tirassem uma fotografia em família junto com a manta e o painel e para estabelecer alguma comunicação. As famílias paravam para observar a manta com as crianças e demonstravam muito entusiasmo ao vê-la. No geral, tive um feedback bastante positivo por parte das famílias.

Estabeleci uma conversa com a mãe da C., que afirmou ter considerado a ideia da manta extraordinária e muito interessante e que assim poderíamos observar as várias ideias/histórias de cada um. Afirmou também que gostaria de ter elaborado mais o tecido com as suas famílias, que é uma fase tão importante. Trocámos ainda informações

sobre o decorrer do meu estágio, referindo que foi um grande processo de aprendizagem e que muito estaria ainda por aprender (...) continuei com a comunicação com as famílias, a mãe do L. também me transmitiu um feedback muito positivo relativamente à manta, elogiando o meu trabalho relativamente à mesma. Outro familiar com quem estabeleci algum contato foi o pai do A., também ele me deu um feedback positivo da atividade transmitindo o significado do seu tecido, uma vez que o mesmo faz a menção à mãe da criança que se encontra no Bangladesh. Partilhou comigo alguma troca de informação relativamente à criança, nomeadamente à sua reintegração. (Caderno de formação, 18 de maio)

Estas conversas informais permitiram criar momentos de maior proximidade e escuta ativa, mostrando o quanto a comunicação pode ser uma ponte importante entre o contexto familiar e o contexto educativo. Sinto que valorizei as famílias, as suas vivências e histórias, com os seus relatos. Um exemplo particularmente marcante foi o do A., cuja mãe se encontrava no Bangladesh. O tecido realizado pelo A. e pelo seu pai, continha um avião com as bandeiras do Bangladesh e de Portugal, e três mãos desenhadas (mãe, pai e filho). Esta representação mostrou como cada universo familiar é único, como cada um com a sua história de vida e experiências. Senti que, esta atividade reforçou a individualidade de cada um e trouxe algum significado para todos. O painel das famílias e a manta estavam visíveis a todos, para que observassem como cada família tem a sua história e a sua singularidade. Foi notório perceber o apreço das famílias, em especial pela atividade da “manta”, uma vez que um dos tecidos, simbolizava a sua história, e a mesma teria significado uma vez que fora realizada em família.

Figura 5

Imagens da Manta e painel das famílias/ Dia da espiga (esquerda) e dia da espiga com as crianças e famílias (direita).



3.3.3 A comunicação com as famílias

Ao longo do meu percurso de estágio em jardim de infância fui percebendo como a comunicação é um dos grandes pilares para uma relação saudável com as famílias. Durante o dia-a-dia tentava estabelecer conversas, no acolhimento e na despedida, que a meu ver, foram oportunidades fundamentais para atravessar barreiras e fortalecer mais as relações com os familiares das crianças. O recurso aos meios tecnológicos, nomeadamente o grupo do WhatsApp, já criado pela educadora cooperante, onde partilhava diariamente fotografias do dia-a-dia ou informações sobre atividades, foi bastante essencial para manter o contato diário com as famílias, uma vez que, nem sempre conseguia falar com todos os pais no acolhimento ou na despedida, assim, tornou-se mais fácil manter a comunicação com todos.

Também os eventos festivos funcionaram como meios de comunicação e diálogo, como foi o caso do Dia da Família e do Dia do Pai. Importa salientar que estas ocasiões são fulcrais para se construírem relações mais fortes e de confiança, pois é aqui que falamos e ouvimos as famílias, tornando-se um espaço de partilha. Uma família afirmou nos inquéritos que “convidar as famílias a participarem em atividades, tratar de forma individual cada criança com as características da sua família, convidar as famílias a partilhar as suas experiências”, eram estratégias para promover o envolvimento familiar, neste sentido, sinto que criei oportunidades disso mesmo indo ao encontro desta afirmação. Convidei as famílias, tratei todos de forma

igual e ainda convidei as famílias a partilharem as suas experiências, como foi o caso da atividade da manta.

Numa reflexão pessoal considero que foi um estágio bastante desafiante, e muito marcado pelas minhas inseguranças. Sentia muito receio de interagir com as famílias, temendo não corresponder às expectativas. Esta fragilidade refletiu-se na minha prática durante o estágio, e questionava-me bastante se estaria a agir da forma adequada. Não foi, portanto, um processo fácil, mas, apesar das dificuldades, mantive a determinação de continuar a trabalhar contra esta insegurança. Aos poucos, através dos diálogos que mantinha com as famílias, dos eventos onde as mesmas estavam presentes, fui trabalhando essa parte de modo que me ajudasse a ganhar mais confiança. Este processo, mostrou-me que o envolvimento das famílias não depende só de grandes iniciativas, mas também de uma abertura diária, de escuta e respeito. Este percurso ajudou-me a crescer muito enquanto pessoa e futura profissional de educação. Ensinou-me a lidar com as minhas próprias inseguranças, e a transformá-las em oportunidades de crescimento. Aprendi ainda que, o envolvimento familiar e a construção de parcerias, implica dar voz às famílias, valorizar a diversidade e promover momentos em conjunto e de partilha constantes. Através da escuta e da observação, fui descobrindo como estas atitudes podem enriquecer a nossa prática. Este estágio, embora desafiante, ensinou-me a lidar com as minhas limitações, mas também que o verdadeiro crescimento profissional acontece exatamente quando enfrentamos aquilo que nos faz sair da zona de conforto.

Capítulo IV – Investigação-ação-formação em creche

4 Caracterização do contexto institucional em creche

4.1 O projeto educativo da instituição e a sua organização

A caracterização da instituição permite-nos conhecer a organização do espaço, dos materiais e do funcionamento, como também toda a dinâmica pedagógica. A instituição de creche é uma IPSS (Instituição particular de solidariedade Social), fundada a outubro de 1974, em Évora, e inserida no centro histórico da cidade.

A mesma tem como missão promover um ambiente educativo de qualidade, promovendo práticas pedagógicas inclusivas, democráticas e solidárias. Esta prática é baseada em valores como, a solidariedade, a igualdade, a segurança e a partilha. Uma das grandes vantagens da instituição, é localizar-se no centro histórico de Évora, assim, podem beneficiar dos recursos à volta da instituição, como é o caso da biblioteca municipal, dos monumentos históricos, igrejas, praças, comércio, museus e até mesmo da Universidade. Tudo isto, contribui para aprendizagens enriquecedoras e de qualidade. Estes recursos são fundamentais para promover uma aprendizagem mais próxima da realidade e em contato com toda a comunidade. Quanto à estrutura organizacional, o setor pedagógico é constituído por duas valências: a Creche e o Pré-Escolar.

A Creche é composta por cinco salas:

- 2 Berçários;
- Sala Creche 1;
- Sala Creche 2;
- Sala Creche 3.

O Pré-Escolar conta com três salas:

- Sala Pré-Escolar 1;
- Sala Pré-Escolar 2;
- Sala Pré-Escolar 3.

Todas as salas funcionam com grupos heterogéneos. No total, este equipamento pode acolher até 67 crianças, com idades entre os 12 e 36 meses, distribuídas pelas três salas heterogéneas de Creche. A equipa da Creche é composta por dez profissionais, sendo quatro educadores e seis auxiliares.

4.2 Trabalho com famílias e comunidade

Nesta instituição, há um esforço para fortalecer a relação entre família e escola. A instituição incentiva essa aproximação, promovendo alguns momentos de partilha e trocas de experiências. Alguns projetos nesse sentido incluem: Escola de Pais e o Cantinho da Amizade, que faz parte do projeto “Roupas usadas Não Estão Acabadas”, dentro do programa Eco Escolas.

Além disso, trabalha em colaboração com a comunidade local, valorizando a interação entre as pessoas que compartilham o mesmo espaço geográfico e interesses. Desta forma, pretende-se criar um ambiente educativo mais rico e fortalecer os laços entre escolas, família e comunidade. No projeto da instituição realizam-se algumas propostas de atividades, tais como:

- Na Biblioteca Pública de Évora;
- No Museu de Évora;
- Arte no Pátio;
- Cantinho dos animais.

Durante o meu percurso de estágio, além de conhecer estes projetos, pude experienciar a forma como esta dimensão era trabalhada. Aconteceram, por exemplo, várias saídas à biblioteca de Évora, em que a educadora cooperante também convidava os pais a estarem presentes. Nestes momentos, foi possível observar como as crianças ficavam felizes com as presenças das suas famílias. Tive ainda a oportunidade de presenciar uma reunião de pais, realizada pela educadora cooperante, para falar sobre o projeto da sala, das crianças e tirar algumas dúvidas ou informações. Este momento potenciou o envolvimento ao reunirem-se condições para o mesmo. Além disso, também eram convidados a participar em atividades na sala e era notório o esforço que se fazia para que estivessem presentes.

Enquanto estagiária, esta dimensão permitiu-me compreender que, para além dos grandes projetos, há um trabalho consistente em envolver as famílias, em saídas, presenças na

sala, momentos de convívio, comunicação pelas redes sociais e até mesmo, a comunicação nas paredes, como era o caso do mapa de notícias, em que se colocavam as novidades que as famílias iam partilhando no grupo do WhatsApp ou a exposição de atividades. Estas vivências aproximaram-me da realidade que se pratica nesta instituição, relativamente ao envolvimento familiar.

4.2.1 O que pensam as famílias da creche sobre a participação e envolvimento das famílias neste contexto?

O inquérito aplicado em creche foi revisto e melhorado em relação ao inquérito realizado no jardim-de-infância. Foram identificadas oportunidades de melhoria, o que levou à reformulação de algumas questões. Assim, este segundo inquérito apresenta diferenças no seu conteúdo e estrutura, procurando tornar-se mais claro, direto e coerente com os meus objetivos. Assim, optei por retirar algumas questões, como o grau de satisfação em relação à instituição e acrescentei questões que incidiram diretamente no meu percurso de estágio. Por exemplo, procurei perceber se as famílias se estavam a sentir integradas durante a minha prática. Esta adaptação permitiu recolher dados mais pertinentes sobre o meu percurso e se estava a cumprir com os meus objetivos, através das opiniões das famílias.

Os dados recolhidos foram analisados e na primeira questão, quando foi perguntado se consideravam importante a relação entre escola-família, todos os inquiridos responderam que sim. Portanto, é possível perceber que há um reconhecimento unânime da importância desta relação.

Relativamente à questão 1.1, os inquiridos que responderam “sim” foram convidados a justificar a sua resposta, indicando dois aspetos que, na sua perspetiva, reforçam a importância da relação entre a escola e a família. Avançando para a análise das respostas dadas pelos inquiridos relativamente aos aspetos que justificam a importância da relação escola-família optei por agrupar as respostas por categorias, de forma a facilitar a organização e compressão das mesmas, foram elas: Desenvolvimento, Confiança, Compreensão e Bem-estar.

Analisando cada grupo, verifica-se que o mais mencionado foi o “Desenvolvimento”. Isto demonstra que, para grande parte das famílias, a relação entre a escola e a família é essencial para acompanhar e promover o desenvolvimento da criança nas suas diferentes

dimensões, isto reflete-se quando quatro famílias mencionaram: “(...) observar o seu desenvolvimento”, “desenvolvimento na linguagem e social”, “trabalhar em conjunto para o desenvolvimento da criança” e “a minha filha entrou para a creche com um pequeno atraso a nível do desenvolvimento, desde que começou a frequentar a mesma todos os objetivos propostos ao longo do ano, foram concluídos com êxito. Como por exemplo, gatinhar, dar os primeiros passos e dizer as primeiras palavras. Com todas as minhas dúvidas enquanto mãe, posso garantir que todo o apoio por parte da educadora bem como da auxiliar, tiveram um papel importante na vida da minha filha e no seu desenvolvimento. Todas as profissionais que nos acompanham ajudaram muita a minha filha, e aprendi muito com elas”. Assim, as respostas evidenciam que as famílias consideram que a relação escola-família é essencial para o desenvolvimento integral da criança. As mesmas sentem que a cooperação com os profissionais de educação promove conquistas significativas a nível do desenvolvimento das crianças, e o último relato confirma isso mesmo, uma verdadeira parceria que potencia o desenvolvimento e as aprendizagens, facilitando a superação dos desafios e transmitindo mais segurança aos pais.

No segundo grupo “confiança”, as famílias destacam que a construção de uma relação de confiança entre a escola e a família é fundamental para que ambas caminhem de forma alinhada no percurso educativo da criança. De acordo com Deslandes (2001) citado por Mata & Pedro (2021, p. 11), as relações de confiança entre os familiares e os profissionais de educação, promovem o conhecimento integral de cada criança percebendo quais os seus pontos fortes, quais as suas maiores fragilidades, e deste modo, entende-se que as dificuldades que se atravessam, serão ultrapassadas com maior facilidade. Esta perspetiva está refletida nas respostas dos inquiridos, que demonstram reconhecer o valor de relações de confiança quando uma família afirmou que “ao envolver a família e a escola podemos confiar em quem cuida dos nossos filhos (...)”. O facto de referirem que podem confiar em quem cuida dos seus filhos mostra como olham para os profissionais que os acompanham. Isto reforça a ideia de que estabelecer relações de confiança é bastante benéfico nas variadas dimensões.

No que diz respeito à “Compreensão”, percebe-se que uma família valoriza a empatia e a capacidade de compreender as realidades de cada contexto familiar e educativo, o que se traduz numa relação mais harmoniosa, baseada no respeito mútuo. De acordo com Mata & Pedro (2021, p. 11) é importante criar relações próximas, uma vez que a mesma irá transmitir à criança uma imagem valorizada do contexto educativa, transmitindo-lhe segurança. Esta

perspetiva é compreendida quando uma família mencionou que “haver compreensão de ambas as partes, trabalhar em conjunto para o desenvolvimento da família”. Podemos observar como esta família sente a necessidade de ser compreendida e que a escola compreenda e veja as diferentes realidades familiares. O diálogo é fundamental para assegurar esta compreensão facilitando que todos se sintam integrados e, consequentemente, passar segurança à criança.

Por fim, surge o grupo do “Bem-estar”, também mencionada por uma família. A família que fez referência a este aspeto, considera que uma boa relação entre a escola e a família promove o “bem-estar” de todos os envolvidos, não só das crianças, mas também dos pais e dos profissionais, fortalecendo a partilha e o sentimento de pertença. Aqui entendemos que esta resposta pode ultrapassar o contexto pedagógico, refletindo-se também no dia-a-dia das famílias, a nível emocional e até social. O facto de haver uma boa relação, traz bem-estar a todos os envolvidos, pois vive-se um ambiente de harmonia e tranquilidade.

Relativamente à questão 2, procurou-se compreender se os inquiridos consideravam que existia dificuldades ou constrangimentos na relação escola-família, podendo optar entre as respostas “sim” ou “não”. De acordo com os resultados, foi possível perceber que, de uma forma geral, as famílias não consideram que existam constrangimentos ou dificuldades na relação estabelecida entre a escola e a família.

A questão 2.1 foi direccionada apenas aos inquiridos que responderam “sim” na questão anterior, sendo-lhes pedido que identificassem quais os principais constrangimentos que, na sua opinião, poderiam afetar essa relação. No entanto, não se obteve qualquer resposta, o que reflete, uma vez mais, que os participantes não reconheceram dificuldades no contexto observado. Ainda assim, importa referir que, segundo Mata & Pedro (2021, p. 14) as diferenças de valores, objetivos e expectativas, podem contribuir na dificuldade da comunicação entre familiares e profissionais de educação, assim como a pressão do mundo laboral, que neste caso pode relacionar-se com a articulação de horários. Estas são algumas das possibilidades das dificuldades ou constrangimentos que se colocam às relações entre os dois contextos.

Na terceira questão, “Durante o percurso de estágio, sentiu-se integrado e envolvido no contexto educativo?”, os participantes deveriam selecionar uma das opções, “sim” ou “não”. Isto pode mostrar que todos as famílias se sentiram integrados e envolvidos no contexto educativo, durante o percurso de estágio, o que sugere que, de uma forma geral, existiu uma boa relação e um ambiente de colaboração entre as famílias, a instituição e consigo. Reforçando

que, o meu objetivo geral é o envolvimento familiar, com estes resultados, considero tê-lo atingido.

Relativamente à quarta questão, que tinha como objetivo perceber se as famílias sentiram que, de alguma forma, contribuí para o seu envolvimento no contexto educativo das crianças, todas as famílias responderam que “sim”. Deste modo, as respostas confirmam que a minha intervenção contribuiu para o envolvimento familiar. Aqui, pude entender como reestruturar o inquérito fez sentido, pois permitiu-me perceber, através da voz das famílias, que atingi o meu objetivo principal. Este resultado foi bastante positivo, uma vez que demonstra que as estratégias implementadas foram percebidas e valorizadas pelas famílias.

Por fim, na questão 5, foi questionado às famílias que estratégias consideram importantes para construir uma relação mais próxima entre as escolas e as famílias. Como esta é uma questão de resposta de escrita, optei novamente por agrupar as respostas por categorias. Agrupei as respostas e dois grupos principais: “Mais atividades em família” e “Comunicação/Partilha”.

O primeiro grupo, “Mais atividades em família”, foi o mais referido pelas famílias, destacando que “a melhor estratégia para essa relação seria organizar o Dia da Família um dia, todas as semanas”, assim como mencionaram “mais atividades” e “atividades com famílias, passeios ao ar livre, piqueniques”. Isto demonstra que as famílias se sentem valorizadas quando participam nos eventos e atividades propostas pela instituição, sentem-se integradas com esta proximidade.

Em segundo lugar, embora com um número mais reduzido de respostas, apenas uma, surge o grupo “Comunicação/Partilha”. A família que mencionou “o facto de partilharem imagens, e as atividades faz com que seja conversado sobre o que foi feito na escola”, pode considerar que a comunicação/partilha de momentos realizada diariamente entre a escola e as famílias é fundamental e é essencial para fortalecer as relações entre os dois contextos.

De uma forma geral, os resultados podem confirmar a relevância que as famílias atribuem ao seu envolvimento no contexto educativo e como o valorizam. O facto de não haver respostas à questão dos constrangimentos, demonstra que, existe um trabalho feito em relação a este tema que minimizaram as dificuldades que se atravessam. No entanto, é necessário que se mantenha este trabalho e que se vá continuando a encontrar estratégias de aproximação. Assim como as famílias mencionaram, realizar atividades em conjunto, é uma grande estratégia

para que se continue a manter as relações próximas. Um dado que considerei relevante, foi as respostas em relação ao meu percurso de estágio, pois mostraram-me que alcancei os meus objetivos e que contribuí para enriquecer este contexto, uma vez que todos mencionaram que se sentiram envolvidos durante o meu estágio.

4.3 Promover o envolvimento das famílias na creche

O envolvimento das famílias em creche tem um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças. Esse envolvimento, permite que se criem relações de confiança e harmonia, entre famílias e os contextos de educação. Desse modo, é necessário criar oportunidades que favoreçam e promovam essas relações tão importantes.

Esta secção encontra-se organizada por três pontos:” Cultivando as interações com as famílias”; “A participação e o envolvimento das famílias” e a Comunicação com as famílias. Cada uma delas é apresentada de forma cronológica evidenciando todo o processo de envolvimento que se foi construindo ao longo do estágio. Apresento as iniciativas realizadas e que foram descritas no meu caderno de formação, como forma de apresentar todo o meu trabalho, dificuldades e como alcancei os meus objetivos.

4.3.1 Cultivando as interações com as Famílias

O envolvimento parental é um fator essencial para o desenvolvimento das crianças, fortalecendo a ligação entre a família e a escola. Durante todo o percurso, tentei respeitar eticamente as crianças e as famílias. No caso das crianças, garanti a sua privacidade e dignidade, respeitando sempre as suas vontades. No que diz respeito às famílias, mantive uma postura de diálogo constante e harmonia, nunca partilhando as informações que me foram transmitidas por parte das mesmas. Este cuidado ético, permitiu que desenvolvesse um espaço de confiança e cooperação entre todos, dando a possibilidade de desenvolver o meu estágio com profissionalismo.

Para incentivar essa proximidade, foi promovida uma comunicação frequente com as famílias, utilizando, por exemplo, um grupo de WhatsApp para enviar mensagens, trocar informações sobre as crianças, enviar fotografias do dia-a-dia, foram enviados convites para a

colaboração em atividades e saídas, além das conversas informais durante o acolhimento e despedida, onde pude conhecer melhor as famílias e fortalecer o diálogo com as mesmas.

Segundo Mata e Pedro (2021, p. 17), a participação ativa dos pais nas atividades escolares é fundamental para a motivação e envolvimento das famílias. Os autores defendem que "as solicitações e os convites das crianças, dos/as educadores/as e do jardim de infância para que os pais se envolvam e participem nas tarefas da aprendizagem dos filhos ou nos eventos organizados pela instituição são fatores relevantes na motivação e implicação dos pais". Por isso, além dos diálogos informais no dia a dia, foi fundamental criar oportunidades que permitissem às famílias envolverem-se de forma ativa no percurso educativo das crianças. Após o meu período de observação, era hora de começar a envolver as famílias e a criar momentos propícios a isso. Uma vez que, começara o outono, foi realizada uma saída ao Mercado Municipal de Évora para comprar frutos da época. Foi enviado através do grupo do WhatsApp, um convite aos pais para que se juntassem a nós na saída. As crianças exploraram o ambiente, identificaram frutos da época e participaram numa experiência de compras, acompanhadas pelos seus familiares. Esta vivência permitiu aliar o contexto real à aprendizagem e revelou o impacto positivo da presença dos pais, nas crianças:

Eu: A M. está tão calminha. Está muito contente por ter cá a mãe.

Mãe da M.: Pois está. Quando a coloco no marsúpio, ela vai sempre muito calminha.

Eu: O meu afilhado também é bebé, mas nunca gostou do marsúpio, sentia-se muito apertado.

Mãe da M.: A M. gosta muito. Eu tinha um, mas ela não se adaptou bem, e com este novo gosta bastante. (Caderno de Formação, 8 de novembro).

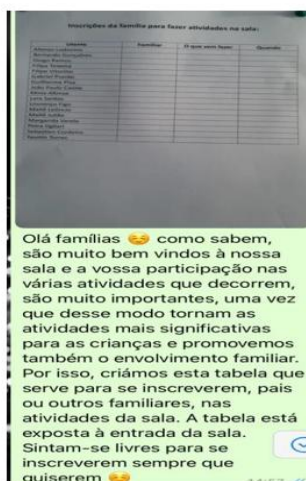
Este tipo de interação evidenciou como a presença familiar contribui para o conforto emocional das crianças e facilita a sua adaptação, especialmente quando ainda se encontram em fase de integração na sala, como era o caso da M. A criança chorava imensas vezes na sala, por estar em fase de adaptação, e quando a mãe estava presente, era possível observar a calma e tranquilidade da criança.

Para promover o envolvimento, foi criada uma tabela de inscrição a 13 de novembro e foi afixada à entrada da sala, permitindo que os pais se inscrevessem nas atividades. Essa iniciativa visou fortalecer a relação entre a escola e as famílias, criando um ambiente mais

acolhedor e encorajando os pais a envolverem-se ativamente no percurso educativo dos filhos. Esta tabela assumiu-se como uma estratégia para envolver mais os pais, era, portanto, um convite à participação e ao encorajamento de se envolverem no processo educativo das crianças. Porém, não foram muitas as famílias que se inscreveram, apesar de ir relembrando nos grupos de WhatsApp ou em conversas diárias. Mas, o facto de a tabela ter sido criada, reforça que é importante que os mesmos se envolvam e pôde contribuir para que alguns pais a partir daí, participassem, mesmo sem que se inscrevessem.

Figura 6

Mensagem enviada aos pais para participarem em atividades.



Pouco tempo depois, tive novamente a oportunidade de convidar e envolver as famílias numa saída. Durante o estágio, a interação com as famílias foi particularmente evidente através das atividades promovidas, onde se privilegiaram os diálogos informais e momentos de partilha. Um exemplo concreto foi a saída à Biblioteca Municipal de Évora, onde tive a oportunidade de conversar com a mãe da K. sobre preocupações relacionadas com a alimentação da filha:

Mãe da K.: “A K. tem comido bem cá?”

Eu: “Sim. A K. come sempre muito bem. Então? Há algum problema?”

Mãe da K.: “É que ela lá em casa está numa fase em que não quer comer nada.”

Eu: “Ah, no colégio até agora tem comida sempre muito bem. Costuma por sal na comida dela?”

Mãe da K.: “Não. Às vezes come da nossa comida com temperos, mas normalmente não.”

Eu: “Talvez a K. esteja a estranhar a comida e falta do sal.”

Mãe da K.: “Pode ser uma hipótese. E agora anda a fazer muitas birras, chora muito.”

Eu: “A última vez que ela fazia muitas birras andava doentinha, logo no início quando comecei o estágio, chorava muito.”

(...)

Eu: “Se quiser participar mais vezes sabe que pode, e é sempre uma mais-valia.”

Mãe da K.: “Às vezes não sei bem no que posso participar.”

Eu: “O que costuma fazer em casa com a K. que ela goste muito?”

Mãe da K.: “Ela gosta muito de dançar, dançamos muito.”

Eu: “Então, se quiser, um dia podemos planejar dançar e vem à sala participar.”

Mãe K. “Sim, pode ser. (Caderno de Formação, 22 de novembro).

Este diálogo demonstra como a criação de oportunidades de participação pode incentivar as famílias a envolverem-se mais no contexto escolar. Esta conversa informal e o contacto com a mãe da K. revelaram-se extremamente enriquecedoras em vários aspetos, criando um momento de diálogo valioso. Em primeiro lugar, permitiu-me conhecê-la melhor e estabelecer uma relação mais próxima. Além disso, tivemos a oportunidade de trocar informações sobre a criança, abordando a questão da sua alimentação e procurando estratégias para melhorar a situação em casa. Por fim, procurei compreender um pouco mais sobre os hábitos da família, o que costumam fazer as duas, de forma a integrar essas vivências no contexto educativo e tornar a aprendizagem mais significativa para a K. Aproveitei também, para reforçar o seu envolvimento nas atividades da sala, partindo daquilo que as mesmas gostam de fazer em conjunto. Esta saída marcou-me pelo facto de se ter juntado a nós uma figura paterna. Senti algumas dificuldades em envolver mais os pais do que as mães, a

participação deste pai foi, para mim, uma pequena vitória em ultrapassar essa barreira e fortalecer as relações com todos os familiares.

Estes momentos de diálogo e partilha vão ao encontro das respostas obtidas nos inquéritos realizados às famílias. Quando questionados sobre a importância do envolvimento parental, as famílias destacaram que: “ao envolver a família e a escola, podemos confiar mais em quem cuida dos nossos filhos e aprender a observar o seu desenvolvimento”. Estes relatos das famílias reforçam o que vivenciei neste momento com a mãe da K., onde a comunicação aberta entre as duas, criou espaço de confiança para que a mãe me comunicasse aquilo que a preocupava e juntas, tentamos encontrar uma solução e refletir sobre possíveis estratégias.

Figura 7

Imagens da Mãe da K. (esquerda), do Pai da M. (meio) e das famílias que se juntaram na saída à biblioteca municipal (direita).



4.3.2 A participação e envolvimento das famílias

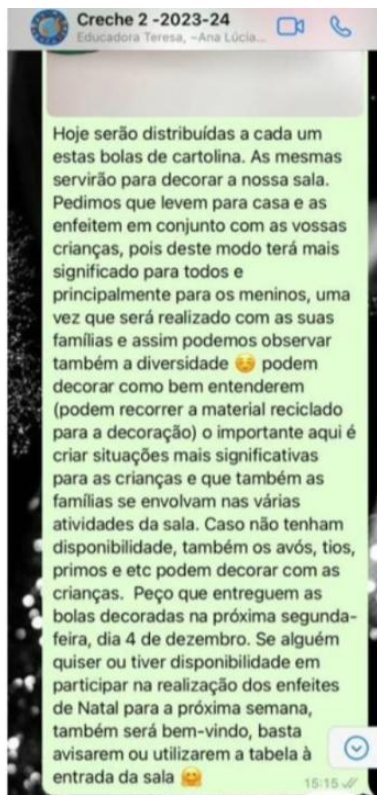
Uma vez que nem todos os pais conseguiam estar envolvidos presencialmente, e sentia dificuldade em que todos participassem de forma ativa, tentei encontrar estratégias para minimizar essa dificuldade realizando atividades em casa com os filhos. Como afirmam Mata & Pedro (2014), as atividades em contexto familiar “focam-se em aproveitar as rotinas para

introduzir mais intencionalidade nas intervenções dos pais, de modo que eles assim possam compreender não só que estão a contribuir ativamente para o desenvolvimento e aprendizagem dos seus filhos como também a complementar a ação do/a educador/a na implementação do projeto curricular de grupo”. (Pág.57)

Já estávamos perto da época natalícia e, por isso, surgiu a ideia de construir uma árvore de Natal com mais significado, promovendo o envolvimento das famílias no contexto, mas desta vez, em contexto familiar. Com esse objetivo, foram recortadas bolas natalícias em cartolina e distribuídas às famílias, que deveriam decorá-las em conjunto com as crianças, no decorrer das suas rotinas. Assim, no início de dezembro, e numa altura em que já tinha ganho alguma confiança com as famílias, a proposta foi partilhada no grupo de WhatsApp, onde se reforçou a importância da participação familiar. A atividade foi pensada para ser acessível a todas as famílias, permitindo a utilização de materiais recicláveis e incentivando a criatividade sem impor restrições, favorecendo a inclusão de todos. Dessa forma, cada decoração refletia a diversidade e a individualidade de cada família, tornando a árvore um símbolo coletivo de partilha e colaboração, envolvendo também os familiares que não podiam comparecer presencialmente.

Figura 8

Imagem Convite aos pais para participarem na construção das bolas de Natal.



À medida que as famílias nos traziam as bolas de Natal já decoradas, íamos construindo a nossa árvore. Durante a construção da árvore, o entusiasmo e o orgulho das crianças ao reconhecerem as bolas feitas em casa evidenciaram como aquela atividade fora significativa. As suas reações foram espontâneas e carregadas de significado:

Eu: E esta, de quem será?

A.: (2 anos): É minha, é minha! – disse, entusiasmado.

Eu: Tão gira, A.! Fizeste com quem?

A.: Pai. Eu: Que bom, o pai ajudou-te!

A.: Sim.

(...)

G. (2 anos): É fofinho!

Eu: Pois é! Parece neve! Lembram-se da história do boneco de neve que ouvimos na semana passada? E depois brincámos com o chantilly?"

Cada bola trazia uma história familiar.

Quando mostrei a do Gabriel:

"G.: Biel, Biel.

Eu: Tão gira a do Gabriel! Com quem fizeste?

G.: Mãe. Eu: Só com a mãe? Não fizeste com o mano também?

G.: Sim, mano.

Eu: A mãe enviou fotografias de vocês os dois a decorarem a bola, por isso é que eu sei que o mano B. ajudou."

Também a L. (2 anos) reagiu prontamente ao ver a sua bola:

"L.: Mão L. mão L.

Eu: Pois é! A L. pintou a mão e fez assim a sua bola! E fizeste com a mãe!"

Após explorarmos os enfeites, montámos a árvore na parede da sala. Algumas crianças demonstraram ligação afetiva com as suas decorações. O A., por exemplo, sentou-se em frente à sua bola e repetia sorridente:

"A: É minha. (Caderno de Formação, 6 de dezembro).

Estes momentos demonstraram que a atividade teve um impacto emocional nas crianças. As bolas de Natal deixaram de ser apenas decorações para se tornarem símbolos de ligação afetiva e identidade familiar. A curiosidade e o apreço pelas bolas dos colegas revelaram ainda o desenvolvimento da empatia e do espírito de grupo. A diversidade das decorações expressou a criatividade de cada família, promovendo o respeito pelas diferenças e o sentimento de pertença.

Figura 9

Imagens da exploração das bolas de Natal enfeitadas com as famílias (esquerda), da árvore de Natal (meio) e observação das bolas de Natal enfeitadas pelas crianças e famílias (direita).



A participação ativa dos pais proporcionou momentos de interação e reforçou a importância do seu papel na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças. A atividade demonstrou que, ao serem convidados a participar, os familiares sentem-se mais acolhidos e motivados, contribuindo para um ambiente educativo mais integrado e enriquecedor. Tive a certeza que esta foi mais uma atividade que promoveu o envolvimento quando questionei aos pais, no inquérito, se sentiam que contribuí para o seu envolvimento no contexto educativo, e todos afirmaram que “sim”. Como refere Walker et al., (2005) citado por Mata & Pedro (2021, p. 17): “As solicitações e os convites das crianças, dos/as educadores/as e do jardim de infância para que os pais se envolvam e participem nas tarefas da aprendizagem dos filhos ou nos eventos organizados pela instituição são fatores relevantes na motivação e implicação dos pais. Comentar um trabalho realizado pela criança ou responder a um pedido do/a educador/a para que colaborem num projeto educativo de sala são oportunidades que podem suscitar o interesse dos pais pelas atividades que estão a ser desenvolvidas”.

Durante o fim-de-semana foram muitos os pais que quiseram partilhar notícias connosco e com as restantes famílias, para que, pudéssemos observar como foi o decorrer da decoração das bolas de Natal, assim como, os momentos passados em família.

A mãe do S. (2 anos), partilhou um momento em família, onde a criança fazia um bolo em sua casa, com a sua irmã H. A mãe da M. (1 ano) também quis partilhar um momento especial, sobre situações que aconteceram no fim-de-semana em família, onde mostra a criança a montar a sua árvore de Natal em conjunto com os manos. A mãe da P. (1 ano) também partilhou uma notícia muito deliciosa, pois a família tinha ido passar a semana a Itália, uma vez que o pai da mesma é italiano. A mãe da K. (1 ano) partilhou a criança a entregar a sua carta ao pai natal nos correios, que realizámos na sala, e a criança estava radiante. Outras famílias, partilharam ainda, a decoração da bola de Natal em família, como foi o caso do L. (1 ano) que a realizou com a sua mãe, do J. (2 anos), da M. (1 ano) que a decorou com a ajuda do pai, e da L. (2 anos), que também teve a ajuda da mãe. Para além da bola de Natal, a mãe da M. ainda partilhou a criança a ajudar a avó a confeccionar uma broa. (Caderno de Formação, 7 de dezembro).

Figura 10

Imagens da K. a enviar a carta ao pai natal com a mãe (esquerda), da P. com a sua família em Itália (meio) e da L. a realizar a sua bola de Natal, para a sala, em conjunto com a mãe (direita).



Figura 11

Imagem do Mapa de notícias/novidades (esquerda) e da M. a realizar uma broa com a sua avó (direita).



Estas partilhas das famílias foram muito ricas e muito importantes, uma vez que podemos observar os vários costumes/hábitos das famílias, o que é que as mesmas fazem durante o fim de semana em conjunto com as crianças, a construção das bolas de Natal em conjunto com os familiares e assim também podemos observar a vasta variedade e diversidade de cada uma. Cada família é única, e cada uma tem formas diferentes de viver, é importante que as mesmas também observem este mundo diversificado dos universos familiares. Contudo, estas partilhas teriam de ser afixadas no mapa de notícias que estava presente na sala, para que todos pudessem observar. Posto isto, surgiram vários diálogos com as crianças:

G. (2 anos): “P., P.”

Eu: “Pois é, aqui é a P. com o pai, foi ao veterinário com os animais. Temos de cuidar dos animais e ir ao veterinário com eles.”

Eu: “Olhem, o G. a enfeitar a bola de Natal com o mano.”

Gabriel: “Sim! Biel e mano. É o mano”.

Eu: “O mano ajudou a fazer a bola de Natal, e ficou muito gira. Olhem, temos também uma novidade da M. (1 ano), olhem a M. a ajudar a avó a fazer uma broa.”

A. (2 anos): “É pão”.

Eu: “É pão, sim. Mas este é feito de outra forma, e chama-se broa.”

L. (2 anos): “Mão L., mão L.”

Eu: “É a mão da L. Olhem a L. a fazer a bola de Natal com a mãe, vimos ontem a bola da L. não foi?” Continuei a mostrar as fotografias.

A. (2 anos): “Seba!”

Eu: “O S.! A fazer um bolo com a H. Olhem o que é que ele está a fazer aqui? Está a pôr o quê?”

G.: “Ovos.”

Eu: “Exatamente, são os ovos e depois pôs o açúcar. Também fazes assim os bolos com a mãe G.?”

G.: “Sim. De chocolate.”

Eu: “Já sei que a mãe faz bolos muito bons.

(...) (Caderno de Formação, 7 de dezembro).

Estes foram alguns diálogos que tive com as crianças relativamente às fotografias que os pais enviaram no fim de semana. Após vermos as fotografias e conversarmos sobre as mesmas, as crianças quiseram ajudar a colocar as fotografias no painel e a retirar as antigas, o que demonstra o seu interesse pelas suas vivências. Considero que foram momentos importantes, assim como as conversas que se estabeleceram com as crianças sobre os mesmos. Além disso, a comunicação e o envolvimento que se estabeleceu com as famílias foi bastante positivo. Estabelecer comunicações e envolver mais os familiares, permite planejar atividades com mais significado para as crianças. A troca de informações entre educadores e famílias revela-se também essencial para compreender as necessidades das crianças e procurar estratégias que favoreçam o seu bem-estar e desenvolvimento. Esta ideia é reforçada por Marques et al. (2024, p. 97), quando afirmam “(...) o trabalho com as famílias pressupõe um

diálogo entre profissionais e famílias, no sentido de conhecer e acompanhar melhor cada bebé, cada criança e de, em parceria, poderem encontrar caminhos que permitam responder às necessidades de cada criança nos contextos de vida em que ela participa”. Pequenos gestos, como solicitar que realizem uma atividade e casa com as crianças, podem ter um impacto significativo nas crianças e na forma como os pais percebem a sua importância no processo educativo.

O Natal estava mesmo prestes a chegar, e na cidade já havia mercados de Natal, por isso, convidámos as famílias a juntarem-se a nós numa saída ao mercado. Segundo as respostas nos inquéritos, uma das famílias afirma como estratégias de envolvimento familiar a realização de “atividades com famílias, passeios ao ar livre (...)”. E, por isso, esta saída foi ao encontro das perspetivas das famílias, atividades e passeios em conjunto. Três mães participaram ativamente, acompanhando as crianças. Durante o percurso, estabeleci diversas conversas informais, o que possibilitou conhecer melhor as mesmas e compreender os seus hábitos e rotinas. Conforme registado no meu caderno de formação:

Durante a saída ao mercado, estabeleci algumas conversas informais com as mães, que decorreram sempre de forma muito calma, tranquila e prazerosa. Foi notório observar o à vontade destas mães, uma vez que as mesmas conversavam, riam e partilhavam situações das crianças. Talvez o facto de eu convidar os familiares faça com que as mesmas se sintam bem-vindas, e isso reflete-se nas comunicações e interações que têm connosco. (Caderno de formação, 13 de dezembro).

Imagens das famílias que se juntaram na saída ao mercado de Natal (esquerda) e da Mãe do D. na saída ao mercado de Natal (direita).



Como afirmam Folque e Bettencourt (2018), “criar espaços de diálogo implica encontrar tempo para falarmos uns com os outros, seja em reuniões formais, em encontros de natureza informal ou em celebrações”. As interações estabelecidas com as famílias ao longo do estágio mostraram-se fundamentais para fortalecer o envolvimento parental e promover uma relação mais próxima. O contacto regular, seja através de diálogos informais, saídas ou convites para participação nas atividades da sala, permitiu não apenas um maior conhecimento sobre as famílias, mas também um reforço do sentimento de pertença das mesmas no contexto educativo.

4.3.3 A comunicação com as famílias

De modo a estabelecer relações de confiança, a comunicação com as famílias foi essencial para tentar alcançar os meus objetivos. Através do grupo do WhatsApp que se estabelecia com as famílias pude manter o diálogo regular. Neste grupo, eram enviadas diariamente, fotografias do dia-a-dia das crianças, das atividades realizada, servia para partilhar

informações ou comunicados e até mesmo, fazer convites aos familiares. Também os momentos de despedida e acolhimento, eram essenciais para estabelecer algum diálogo, como trocas de informação. As famílias por vezes partilhavam comigo medicamentos que as crianças tinham de tomar, por exemplo, conversar sobre como correu o dia ou sobre algo importante a mencionar. Tanto as atividades realizadas em sala como as saídas, em que as famílias participaram, foram meios fulcrais para estabelecer a comunicação e fortalecer as relações. Além disso, implementei estratégias como a tabela de inscrição ou instrumentos nas paredes, que serviram também como forma de comunicar.

Todas estas estratégias, foram fundamentais para me aproximar das famílias, ter mais confiança e abertura com as mesmas., tal como afirmam nos inquéritos: “ao envolver a família podemos confiar mais em quem cuida dos nossos filhos”. As diferentes propostas que fui planeando e os convites, auxiliaram no processo de construção de relações sólidas e do sentimento de pertença. Aos poucos, com todas estas interações, sinto que fui ganhando a confiança das famílias.

Em termos pessoais e profissionais, sinto que este estágio em creche foi bastante significativo e que, houve uma grande evolução da minha parte, em relação ao estágio em jardim de infância. Apesar de ter enfrentado alguns desafios também, como a insegurança e o receio de não estar a incluir as famílias como esperado ou o nervosismo de falar com as mesmas, senti-me bastante mais confiante e segura das minhas práticas. Considero que lidei melhor com os meus receios e inseguranças. Fui capaz de me aproximar das famílias de forma mais natural e descontraída, que foi essencial para o meu crescimento a vários níveis. O feedback que tive dos pais nos inquéritos e no fim do estágio, também me transmitiu uma grande segurança e sentimento de dever cumprido. A comunicação e o envolvimento foram estabelecidos de forma gradual, através de gestos que o permitiram, como os vários convites e partilhas. Este trabalho que fui estabelecendo, permitiu um clima de confiança e harmonia, que influenciou também o bem-estar das crianças. A nível profissional e pessoal, marcou-me de forma positiva e levo comigo grandes ensinamentos e conquistas.

5 Considerações Finais

Ao longo do meu percurso e da minha Prática de Ensino Supervisionada em Creche e Jardim de Infância, pude refletir sobre a importância do envolvimento parental. Este tema suscitou, desde cedo, a minha atenção, por considerar um tema bastante importante na área da educação de infância, e por ser algo que sempre me despertou algum receio: o contato com as famílias.

Durante o meu percurso, criei estratégias para que as famílias se envolvessem nos contextos educativos, como a partilha do dia a dia das crianças, a comunicação constante ou saídas com as famílias e atividades em conjunto. Tudo isto permitiu criar laços e envolvê-las mais para que acompanhassem o desenvolvimento e o processo de aprendizagem dos filhos. Contudo, e apesar de criar várias estratégias para que realmente esse envolvimento acontecesse, nem sempre foi fácil integrar todas as famílias. Foi difícil criar ligação com alguns familiares, uma vez que o contato pessoal era pouco frequente, por razões pessoais dos mesmos. Perante essa dificuldade, procurei criar atividades que pudessem ser realizadas em casa, nos horários que mais lhes fosse conveniente, tornando a participação mais flexível e inclusiva. Nesse sentido, percebi, na prática, que os educadores podem realmente passar por dificuldades ao tentar encontrar estratégias de inclusão, tendo em conta as diferenças de cada um. Porém, é um processo contínuo que exige tempo e dedicação e, por falta de mais tempo, também não me foi permitido investir mais nesse sentido.

Realizei ainda inquéritos, em ambos os contextos, onde pude recolher dados e analisar as respostas, para tentar perceber como poderia envolver mais as famílias, através das suas perspetivas. Este instrumento tinha também o objetivo de criar espaço para a participação de todos, que todos pudessem ser ouvidos de igual forma, este aspeto é, sem dúvida, essencial para que cresçam relações sólidas, baseadas na confiança e no respeito mútuo. De uma forma geral, e olhando para os dois inquéritos, apesar de terem sido realizados em instituições distintas e com algumas alterações na construção dos mesmos, os resultados são semelhantes. Ambos revelaram que as famílias valorizam e reconhecem a importância do envolvimento familiar nos contextos educativos, entendendo os benefícios que pode trazer no desenvolvimento, bem-estar e segurança das crianças. Foi visível que, quando há um trabalho contínuo de proximidade e abertura à participação das famílias, os constrangimentos são minimizados. Este aspeto foi claro pelo número reduzido (e até mesmo ausência) de respostas na questão em que procurava perceber os constrangimentos e dificuldades que se atravessavam

no envolvimento familiar. Outro aspeto que se destaca em ambos os inquéritos é que as famílias valorizam as atividades em que se envolvem, ou seja, a sua participação direta. Os momentos de partilha, as vivências em conjunto e a comunicação, são vistas como fundamentais para fortalecer as relações escola-família.

Apesar de tudo, sei que não consegui obter resposta aos inquéritos por parte de todos os pais. Foi uma dificuldade pela qual passei, ainda que tentasse motivar os mesmos para que pudessem dar o seu feedback, foi difícil conseguir que todos o pudessem fazer. Ademais, a construção deste inquérito e a aplicação do mesmo, foi bastante importante e surgiu como estratégia para dar voz às famílias, ouvir as suas opiniões, as suas expectativas e refletir, através das respostas, sobre possíveis melhorias. Os dois inquéritos, permitiram-me perceber, através das respostas enunciadas, que o meu objetivo principal “Envolver as famílias nas práticas educativas em Creche e em Jardim de Infância”, fora cumprido. Tanto no contexto de creche, como no contexto de jardim de infância, os dados obtidos demonstram que as famílias se sentiam envolvidas no processo educativo.

Ao longo da prática, foi possível trabalhar de forma consistente no meu objetivo geral: Envolver as famílias nas práticas educativas em Creche e em Jardim de Infância. Apoiado pelos objetivos específicos, pude refletir sobre a minha prática e sobre a concretização desses objetivos, permitindo-me compreender os desafios e as aprendizagens adquiridas

Relativamente ao primeiro objetivo específico “reconhecer a importância das famílias no contexto educativo”, este objetivo foi alcançado através das minhas reflexões que fui fazendo ao longo do estágio, que também estão presentes no meu caderno de formação, ou através dos inquéritos que realizei às famílias. Os resultados permitiram perceber que o envolvimento traz benefícios, como o bem-estar e segurança das crianças. Também as atividades desenvolvidas, evidenciaram a importância destas parcerias.

O segundo objetivo conhecer as famílias de cada contexto e as suas perspetivas sobre o envolvimento”. Foi possível observar através das atividades realizadas, dos diálogos e dos inquéritos como as famílias reconhecem a importância do envolvimento familiar e o valorizam. Através de atividades como “A manta”, por exemplo, quando a família do A. partilhou o significado do seu tecido, evidenciando o afastamento da mãe ou através de saídas em que os familiares participaram, pude conhecer os elementos de cada uma e compreender a sua estrutura de formação. Também atividades como o painel das famílias em jardim de infância

ou o mapa de notícias em creche permitiram esse entendimento sobre o universo familiar de cada criança.

No que respeita ao terceiro objetivo “planejar e articular com as famílias de forma a envolvê-las em aprendizagens consistentes e significativas do cotidiano escolar e promovendo, assim, um ambiente educativo mais inclusivo, promotor de desenvolvimento e aprendizagem”. foi concretizado através das diversas estratégias criadas. A comunicação diária, as partilhas nos grupos do WhatsApp, os convites para participarem nas atividades da sala e saídas propostas, momentos de convívio como o Dia da Família ou o Dia do Pai, atividades para realizarem em casa em conjunto com os filhos, todas estas estratégias permitiram aos pais envolverem-se mais nas aprendizagens e no desenvolvimento das crianças.

O quarto objetivo “analisar os processos e os impactos do envolvimento das famílias nas crianças”, foi possível observar as reações das crianças relativamente ao envolvimento das famílias no contexto educativo e o entusiasmo das mesmas ao falar sobre as suas famílias e atividades realizadas em conjunto. É demonstrado em alguns diálogos e momentos com as crianças, o significado que atribuíram a determinadas atividades realizadas com os seus familiares, como foi o caso da atividade da manta em contexto de jardim-de-infância, mencionado nas notas de campo:

M.: Eu gosto mais do meu.

Eu: E porquê?

M.: Porque é o meu e sou eu e os pais.

Eu: Pois, quando é nosso tem mais significado. E é só por isso? Não gostaste de ter sido feito em tua casa?

M.: Sim, gostei também porque fiz com os pais. (Caderno de Formação 15 de maio)

Também podemos observar esse impacto quando as crianças, no contexto de creche, realizaram as bolas de Natal com as suas famílias em casa:

O Afonso colou a sua bola na parede, foi buscar um banco e sentou-se à frente da sua bola observando-a e sorrindo, pois queria estar perto dela a guardá-la e a observá-la.

Sempre que me aproximava a criança dizia contente: “É minha”. (Caderno de Formação, 6 de dezembro).

Estes relatos podem efetivamente demonstrar o impacto que o envolvimento das famílias teve nas crianças e como as atividades apresentaram um maior significado nas mesmas, atingindo assim o objetivo traçado.

Por último, o quinto objetivo “refletir sobre o papel do/a educador/a e qual a responsabilidade do/a mesmo/a para encontrar estratégias de aproximação entre as famílias e o contexto educativo”, foi atingido durante todo o processo da minha prática, através das reflexões e notas de campo, que me auxiliaram a encontrar estratégias de aproximação às famílias, motivando-as a participar em atividades. Fui registando dificuldades e refletindo como poderia envolver mais as famílias e, a partir daí, encontrei estratégias que pudessem facilitar o envolvimento familiar. Como foi o caso da criação da tabela de inscrição em atividades, por exemplo. também o discurso e escuta das crianças, as conversas informais com as educadoras cooperantes bem como com as famílias auxiliaram e foram fundamentais para essa reflexão. Também os inquéritos, foram instrumentos que facilitaram essa reflexão, uma vez que tive acesso às perspetivas e opiniões das famílias em relação ao envolvimento familiar.

Ao refletir sobre os meus objetivos, posso concluir que, de forma geral, os consegui alcançar. Através de estratégias, comunicação, partilha e promoção do envolvimento familiar, foi possível envolver um pouco mais as famílias nos contextos educativos dos filhos. Alguns objetivos foram mais desafiantes que outros, o terceiro apresentou maior dificuldade, mas, apesar disso, todos os esforços e convites realizados permitiram que a maioria se envolvesse. Este processo revelou-se fundamental, não apenas na ligação com as famílias, mas também para o bem-estar das crianças. Ao observá-las, percebi que se mostravam motivadas e felizes ao realizar as atividades com os pais, tornando assim as atividades mais significativas.

Enquanto futura profissional de educação, sinto gratidão pela oportunidade de poder participar ativamente neste processo tão necessário que é o envolvimento familiar. Percebi que criar laços, refletir sobre o meu papel e responder às necessidades das famílias e das crianças é fundamental. Aprendi muito e adquiri conhecimentos que irei, certamente, implementar no futuro durante a minha prática, que será, certamente, um ambiente educativo promotor da inclusão.

Enquanto pessoa, este estágio exigiu de mim ser bastante proativa, motivada, empática, comunicativa, ter uma boa capacidade de trabalhar em equipa e respeitar diferenças. Acredito que estas são as principais qualidades para lidar da melhor forma com este desafio, e senti que as desenvolvi bastante. Ao trabalhar em equipa, é importante haver uma adaptação que será útil para a nossa aprendizagem. Levo comigo a certeza de que criar laços com os familiares é essencial para uma educação de qualidade, onde as escolas e famílias caminham juntas, construindo uma verdadeira comunidade.

6 Referências bibliográficas

- Abrantes, A. S. G. (2022). O envolvimento familiar nos estabelecimentos educativos: O caso do 1.º ciclo do ensino básico [Dissertação de mestrado]. Escola Superior de Educação de Coimbra.
- APEI – Associação de Profissionais de Educação de Infância. (2011). Carta de princípios dos associados da APEI para a tomada de decisão eticamente situada. APEI.
- Assembleia da República. (1997). Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro – Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar. Diário da República, 1.ª série, n.º 34, 670–673.
- Bell, J. (1993). Doing your research project: A guide for first-time researchers in education and social science (1.ª ed.). Open University Press.
- Carvalho, T. (2023/2024). Projeto pedagógico. Instituição de PES Creche.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 455–479. Instituto de Educação, Universidade do Minho.
- Epstein, J. L. (2018). School, family, and community partnerships (2.ª ed.). Routledge.
- Folque, M. A. (2010). Interviewing young children. In G. M. Naughton, S. A. Rolfe, & I. Siraj-Blatchford (Eds.), *Doing early childhood research: International perspectives on theory and practice* (2.ª ed., pp. 239–260). Allen & Unwin.
- Folque, M. A., Bettencourt, M., & Ricardo, M. (2015). A prática educativa na creche e o modelo pedagógico do MEM. *Revista Escola Moderna*, 3, 13–34.
- Folque, M. A., & Vasconcelos, T. (2019). Que educação para as crianças dos 0 aos 3 anos? In APEI (Ed.), *Educação de infância: O que temos e o que queremos?* APEI.
- Godinho, F. (2021/2025). Projeto curricular de sala. Instituição de PES Pré-Escolar.
- Instituto da Segurança Social, I. P. (2014, julho 28). Guia prático: Constituição de Instituições Particulares de Solidariedade Social. Instituto da Segurança Social, I. P.
- Lopes da Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações curriculares para a educação pré-escolar. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Marques, A. (Coord.), Azevedo, A., Marques, L., Folque, M. A., & Araújo, S. B. (2024). Orientações pedagógicas para creche. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

- Martins, G. O., Mata, L., Simões, F., Faria, P., Pedro, I., & Rocha, S. (2017). Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Mata, L., & Pedro, I. (2021). Participação e envolvimento das famílias: Construção de parcerias em contextos de educação de infância. Direção-Geral da Educação.
- Mesquita, C. (2020). Investigação com crianças: A exigência de uma ética fundada nos direitos. *Cadernos de Educação de Infância*, 120, 77–82. APEI.
- Pereira, A. C. da S. (2018). Profissionalidade docente e práticas pedagógicas: Uma análise ao trabalho do professor do 1.º ciclo do ensino básico [Relatório final de estágio de mestrado, Instituto Politécnico de Viseu].
- Portugal. (2007). Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de fevereiro – Habilitação profissional para a docência. Ministério da Educação.
- Portugal. (2018). Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho – Regime jurídico da educação inclusiva. *Diário da República, Série I*, n.º 129, 2918–2933.
- Portugal. (2023). Portaria n.º 190-A/2023, de 5 de julho. *Diário da República*.
- Projeto educativo. (2018/2029). Instituição de PES Creche.
- Projeto educativo. (2021/2025). Instituição de PES Pré-Escolar.

Apêndices

Apêndices A - Inquérito em jardim de infância

Figura 13

Inquéritos realizados às famílias no jardim de infância (1/3).

Inquérito desenvolvido no âmbito do Relatório do Projeto de Investigação

Olá famílias. Estou a desenvolver o meu projeto de final de curso cuja temática é "Construção de pontes: O envolvimento familiar em contextos de Creche e Jardim-de-Infância". Gostaria de pedir a vossa colaboração para responderem ao breve questionário abaixo apresentado, com algumas questões relacionadas com o tema, cujo objetivo será entender como podem ser as famílias envolvidas nos contextos educativos, que estratégias poderão ser adquiridas para esse mesmo envolvimento e entender o impacto que pode trazer essa aproximação familiar nas crianças.

Assinalem "sim" ou "não" de acordo com a vossa opinião e respondendo às questões de desenvolvimento.

Peço-vos que entreguem as vossas respostas até dia 27 de maio.

Obrigada pela vossa disponibilidade e colaboração!

Email *

Email válido

Este formulário está a recolher emails. [Alterar definições](#)

1. Na sua opinião, considera que é importante a relação escola-família?

☐ Sim

☐ Não

Figura 14

Inquéritos realizados às famílias no jardim de infância (2/3).

1.1. Se respondeu que sim, refira por favor dois aspetos que justifiquem a sua resposta.

Texto de resposta longa

2. Considera que existem constrangimentos/dificuldades na relação escola- família?

☐ Não

2.1. Se respondeu "sim", quais são os principais constrangimentos/dificuldades que podem existir na relação escola-família?

Texto de resposta longa

3. Refira por favor o seu grau de satisfação com o tipo de relação que existe entre as famílias e o CAIE, onde 1 corresponde a "nada satisfeito" e 5 corresponde a "muito satisfeito".

	1	2	3	4	5	
Nada satisfeito	☐	☐	☐	☐	☐	Muito satisfeito

Figura 15

Inquéritos realizados às famílias no jardim de infância (3/3.).

4. Que estratégias poderão ser utilizadas para construir uma relação mais próxima entre as escolas e as famílias?

Texto de resposta longa

5. No seu entender, quais as vantagens do envolvimento familiar nos contextos educativos?

Texto de resposta longa

Apêndice B – Resultados do Inquérito em jardim de infância

Figura 16

Resultados obtidos relativamente às famílias considerarem importante a relação escola-família.

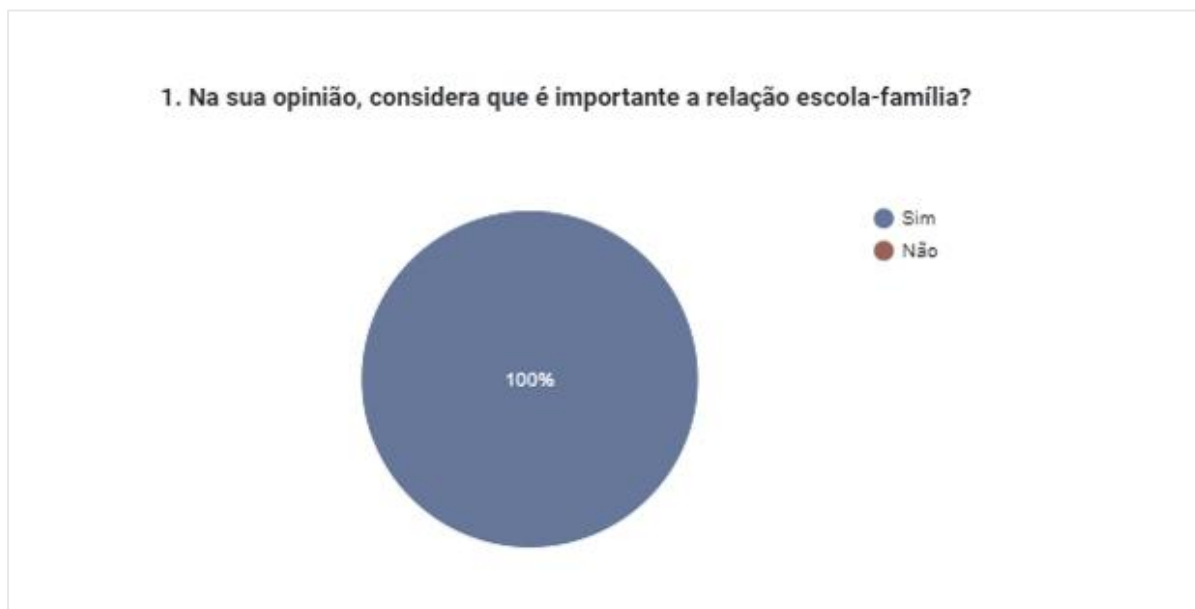


Figura 15

Resultados dos aspetos que justificam a resposta anterior.

.1. Se respondeu que sim, refira por favor dois aspetos que justifiquem a sua resposta.
Partilha e conhecimento
Ultrapassar dificuldades, crescimento da criança
Contribui para o melhor desenvolvimento quando existe cooperação de ambas as partes, o elo de ligação transparece tranquilidade e segurança e isso passa para a criança
Através dessa relação acompanhamos melhor o desenvolvimento pessoal e social do educando e conseguimos intervir em "duas frentes" para o melhorar falhas no crescimento da criança.
Informação sobre aprendizagens e uniformidade de rotinas
Troca de experiências entre os 2 contextos, estreitar relações entre crianças, pais e profissionais de educação
- Permite que o professor e pais, consigam dialogar sobre aspetos de incentivo ao aluno e melhorias que possam ser necessárias para o seu desenvolvimento curricular e pessoal.

Figura 18

Respostas das famílias aos dois aspetos que justificam a resposta anterior.

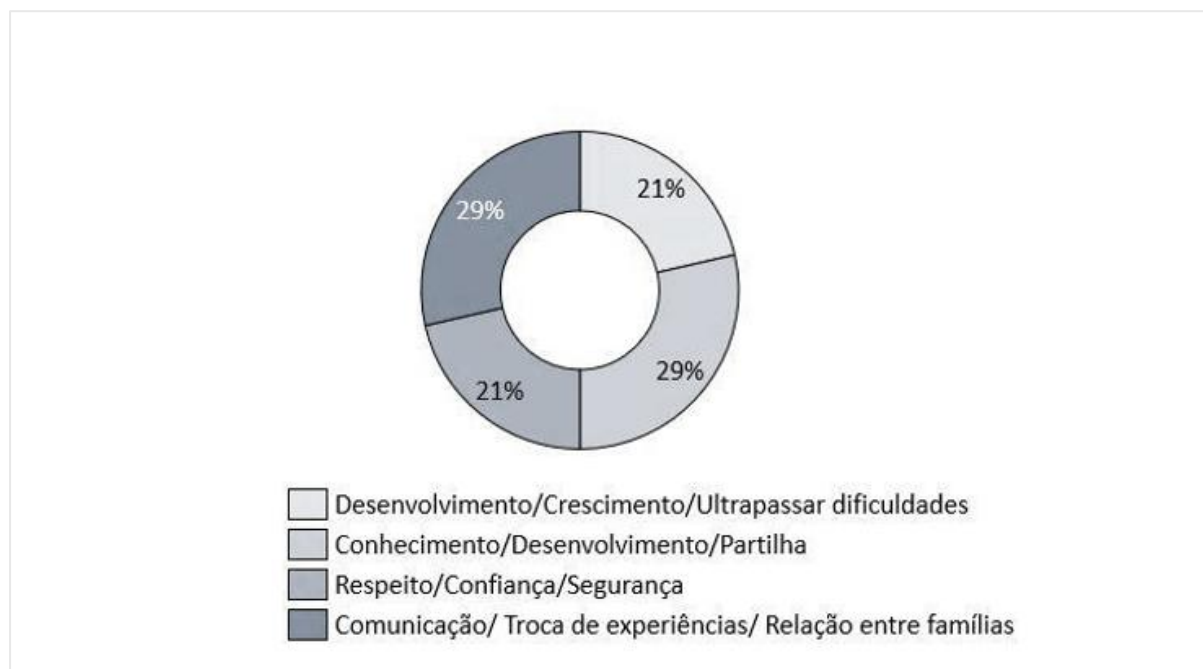


Figura 19

Resultado da questão "considera que existem constrangimentos/dificuldades na relação escola-família?".

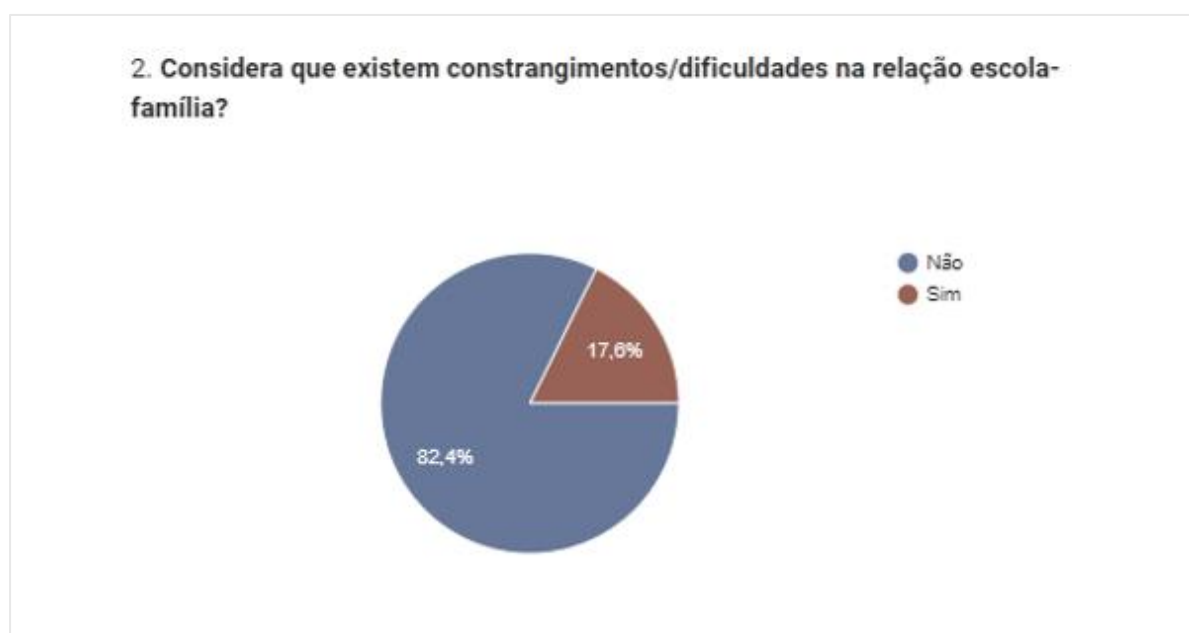


Figura 20

Resultado dos constrangimentos/dificuldades na relação escola-família.

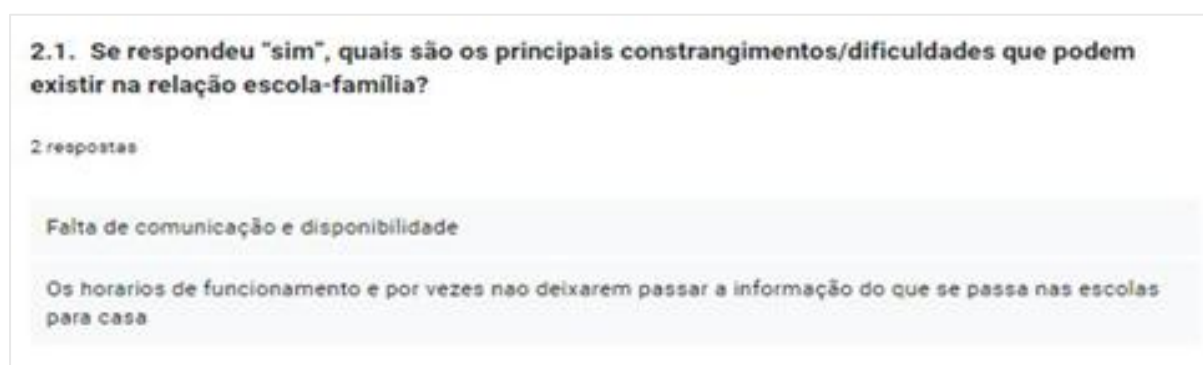


Figura 21

Grau de satisfação da relação entre as famílias e a instituição.

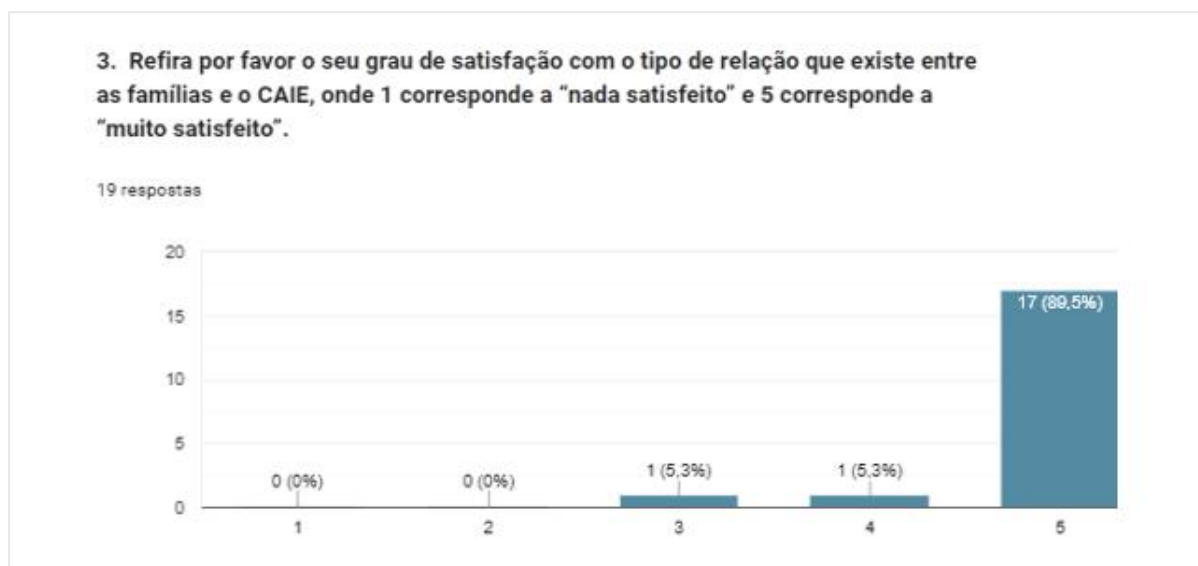


Figura 22

Resultado das estratégias que podem ser utilizadas na construção de relações próximas entre famílias e escolas.

Eventos na escola com participação da família
Mais actividades comuns
Reuniões e uma comunicação aberta entre pais e escolas
Aumento das actividades em que haja participação da família
Convidar as famílias a participarem nas actividades, tratar de forma individual cada criança com as características da sua família, convidar as famílias a partilharem as suas experiências familiares.
Reunião de pais ; actividades entre a escola , a criança e os pais.
Fazendo actividades envolvendo escola e família o que o CAIE já faz (Dia da família, festa de natal, festa final de ano..) A tecnologia é uma ferramenta que pode facilitar a comunicação e troca de experiências , como o CAIE tem o Whatsapp.
envolve a organização de interação aberta, construindo relacionamentos de longo prazo, construindo a prática e a experiência de tradições pedagógicas sustentáveis.
Conversa aberta sobre os nossos filhos para o ajudarmos a educar tendo em conta comportamentos observados e ambos os contextos, momentos de convívio, participação dos pais em actividades da sala
Diálogo e disponibilidade de ambas as partes
Penso que as actividades existentes já são suficientes
A criação de grupos através das redes sociais, aproxima mais as famílias e as escolas, assim como actividades que promovam a junção das famílias com a comunidade escolar.
Diálogo Transparência Partilha de informação Compreensão pelas especificidades e realidades de cada família
Envolvimento nas actividades escolares

Figura 16

Resultado das estratégias que promovem o envolvimento familiar.

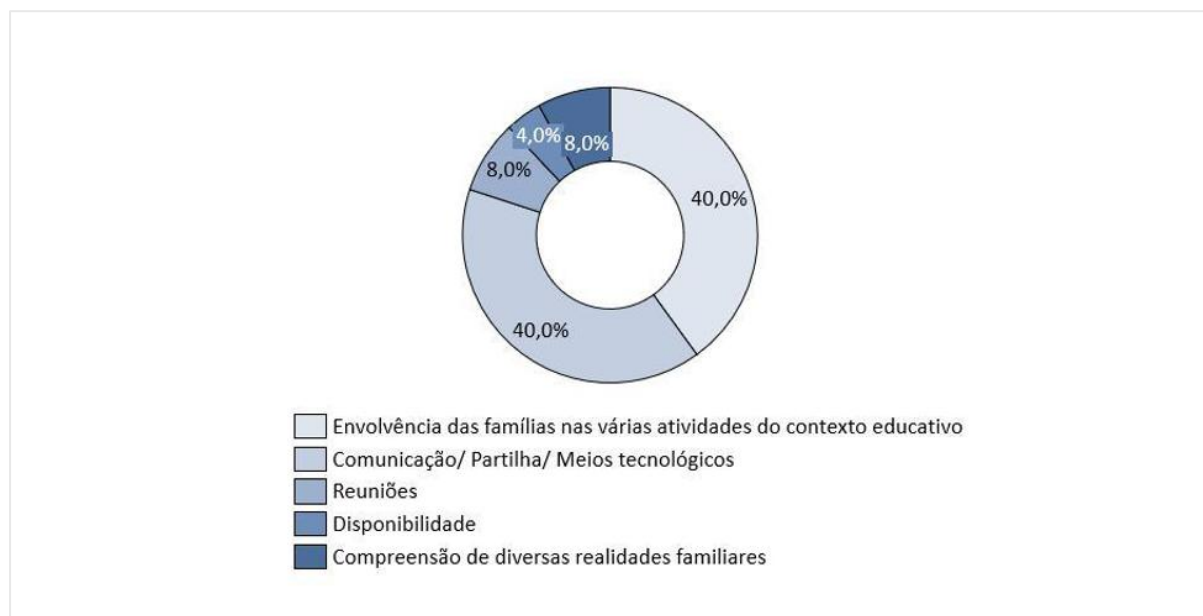


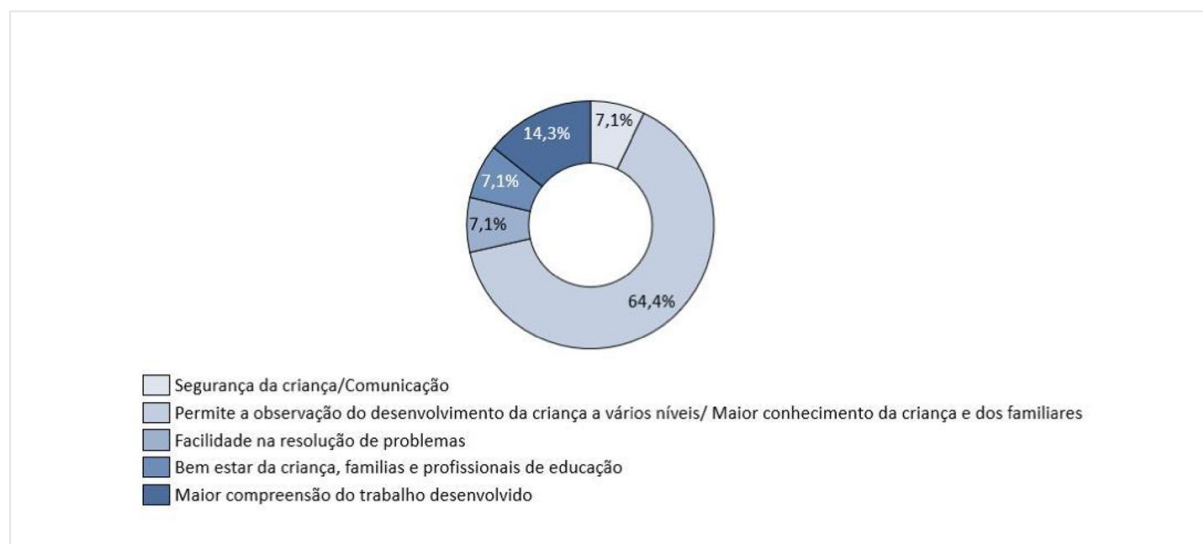
Figura 24

Resultado das vantagens do envolvimento familiar nos contextos educativos.

Maior segurança da criança, empatia e conhecimento de cada contexto familiar
Melhor comunicação com os filhos, Comunicação casa/escola e vice versa, maior segurança
Podemos ajudar a que as crianças desenvolvam as suas capacidades, percebam a importância da aprendizagem dada nas escolas, etc.
Permite as famílias estarem envolvidas na progressão educativa das crianças
O sucesso no crescimento e desenvolvimento pessoal e escolar das crianças, através da responsabilização das famílias, os valores, a partilha.
- Acompanhar o desenvolvimento escolar dos filhos , assim como das suas dificuldades e necessidades.
Suporte para as atividades do quotidiano da criança. Intervenção nos processos de aprendizagem e atividades de enriquecimento cognitivo e social da criança.
fazer tudo juntos
Todos têm mais a vontade, conhecemos melhor as crianças os seus interesses e necessidades , partilha de estratégias educativas, partilha de experiências, enriquecimento cultural e profissional
Cria bons valores nas nossas crianças
Percebemos qual o ambiente que se vive na sala, para em casa podermos educar no sentido de melhorar o nosso educando nas suas tarefas e socialização com as outras crianças
Mais proximidade, mais abertura para resolução de problemas que venham a surgir.
Facilita o desenvolvimento e aprendizagens das crianças Permite às famílias compreenderem o trabalho desenvolvido pela equipa educativa Traz bem estar profissional Promove o bem estar das crianças e das famílias
Promove o desenvolvimento das crianças

Figura 25

Resultado das vantagens do envolvimento.



Apêndice C - Inquérito em creche

Figura 26

Inquérito realizado às famílias em creche (1/2).

Inquérito desenvolvido no âmbito do Relatório do Projeto de Estágio

Olá famílias! Estou a desenvolver o meu projeto de Mestrado em Educação Pré-Escolar, cuja temática é: "A construção de pontes: O envolvimento familiar em contextos de Creche e Jardim-de-Infância".

Gostava de solicitar a vossa colaboração para responderem ao breve inquérito abaixo apresentado, sendo que o mesmo expõe algumas questões relacionadas com a temática atrás explicitada e tem por objetivo compreender se as famílias se sentiram envolvidas e integradas no contexto educativo das crianças durante o meu percurso de estágio e perceber quais os impactos dessa envolvimento familiar. Caso não tenham sentido, da minha parte, essa motivação de se integrarem, tenciono perceber os motivos desse sentimento e entender que outras estratégias poderei utilizar no futuro.

Assinalem "sim" ou "não" de acordo com a vossa opinião e respondendo às questões de desenvolvimento.

Peço que entreguem as vossas repostas até dia 27 de Dezembro.

Obrigada pela vossa disponibilidade e colaboração.

1. Na sua opinião, considera que é importante a relação escola-família?

☐ Sim

☐ Não

1.1 Se respondeu "sim", nomeie dois aspetos que demonstrem a sua perspetiva.

Texto de resposta curta

Figura 27

Inquérito realizado às famílias em creche (2/2).

2. Considera que existem constrangimentos/dificuldades na relação escola-família?

☐ Sim

☐ Não

2.1. Se respondeu "sim", quais são os principais constrangimentos/dificuldades que podem existir na relação escola-família?

Texto de resposta curta

3. Durante este percurso de estágio, sentiu-se integrado e envolvido no contexto educativo?

☐ Sim

☐ Não

3.1. Se respondeu "não", refira o motivo para esse sentimento

Texto de resposta curta

4. Sente que contribuí de alguma forma para o seu envolvimento no contexto educativo das crianças?

☐ Sim

☐ Não

5. No seu entender, que estratégias poderão ser utilizadas para construir uma relação mais próxima entre as escolas e as famílias?

Texto de resposta curta

Apêndice D – Resultados Inquérito em creche

Figura 28

Resultados obtidos relativamente às famílias considerarem importante a relação escola-família.

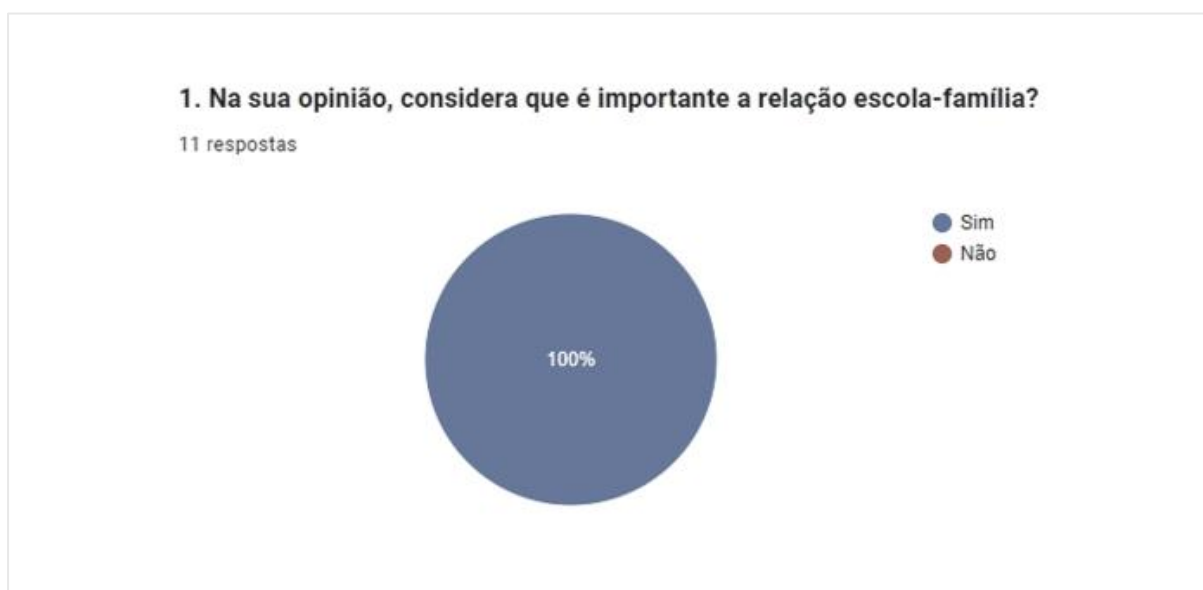


Figura 29

Resultados dos dois fatores que justificam a resposta anterior.

1.1 Se respondeu "sim", nomeie dois aspetos que demonstrem a sua perspetiva.

5 respostas

Ao envolver a família e escola podemos confiar mais em quem cuida dos nossos filhos e aprender e observar o seu desenvolvimento

A minha filha, entrou para a creche com um pequeno atraso a nível de desenvolvimento, desde que começou a frequentar o mesmo, todos os objetivos propostos ao longo do ano foram concluídos com êxito. Como por exemplo, gatinhar, dar os primeiros passos e dizer as primeiras palavras. Com todas as minhas dúvidas enquanto mãe, posso garantir que todo o apoio por parte da educadora bem como da auxiliar, tiveram um papel importante na vida da minha filha e no seu desenvolvimento. Todas as profissionais que nos acompanharam ajudaram muito a minha filha, e aprendi muito com elas.

Desenvolvimento na linguagem e social

Haver compreensão de ambas as partes, trabalhar em conjunto para o desenvolvimento da criança

Bem estar do

Figura 30

Respostas das famílias aos dois aspetos que justificam a resposta anterior.

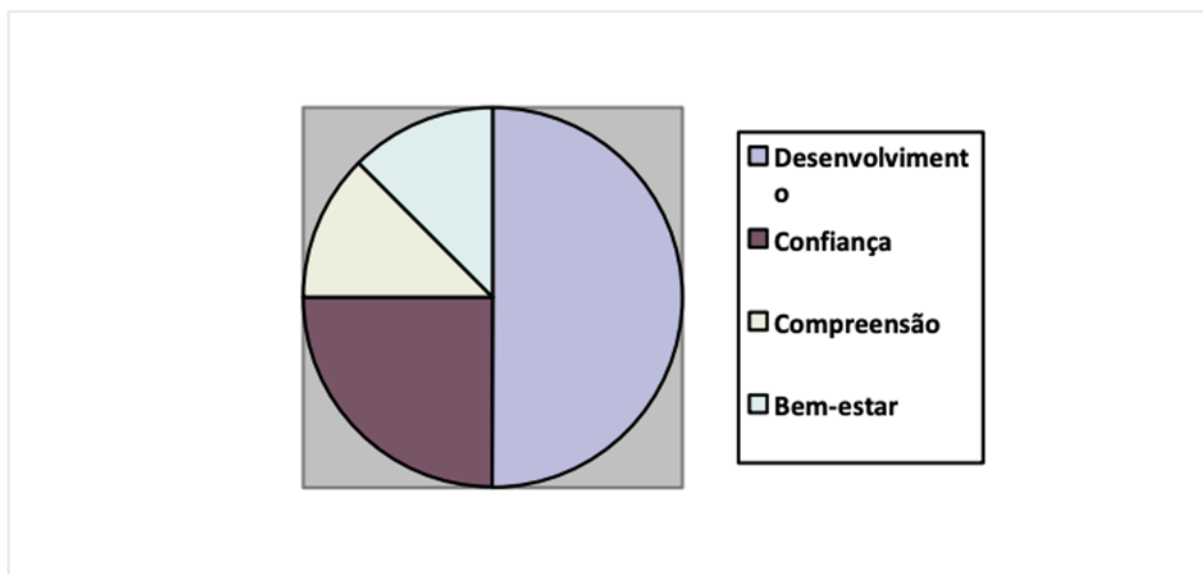


Figura 17

Resultados da questão relativamente aos constrangimentos na relação escola-família.



Figura 18

Resultado da questão relativamente às famílias se sentirem integradas no processo de estágio.

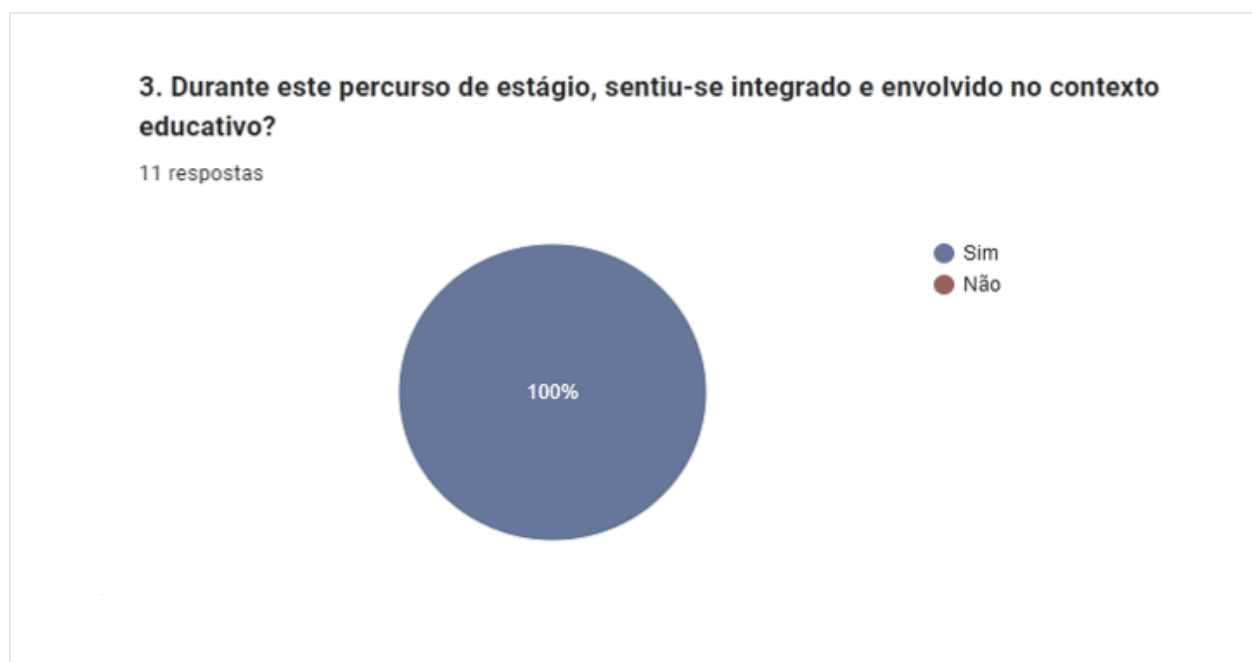


Figura 33

Resultados obtidos da 4ª questão.

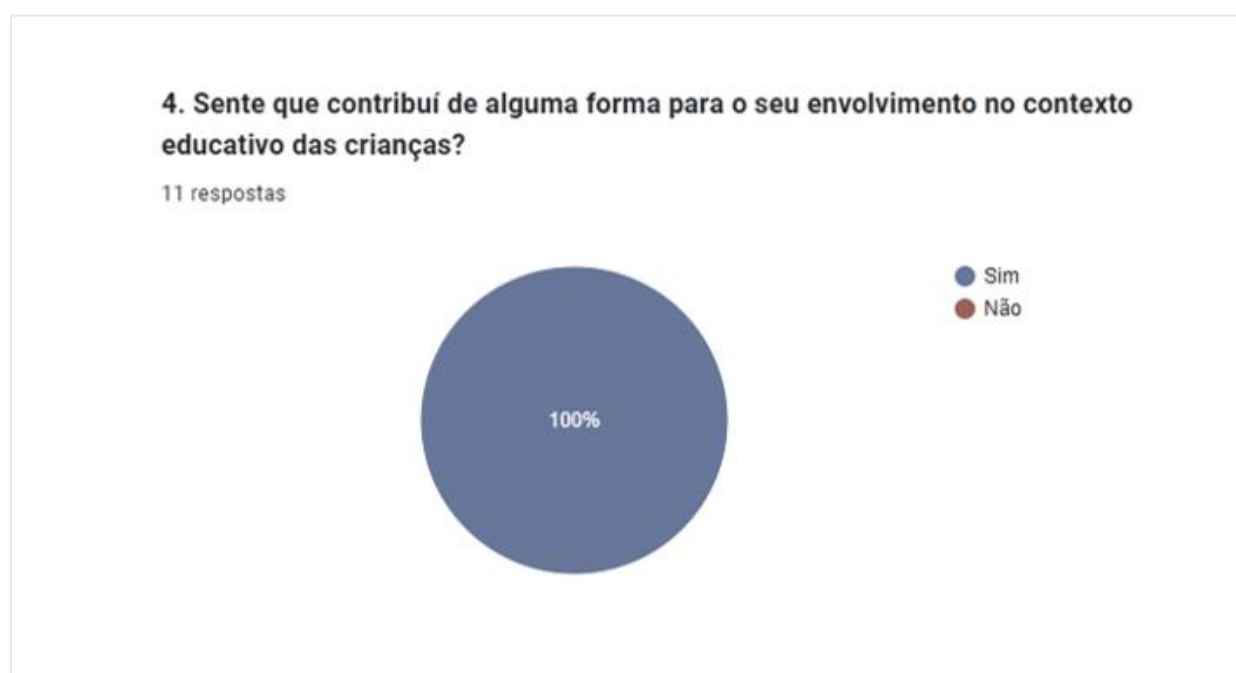


Figura 19

Respostas obtidas pelas famílias.

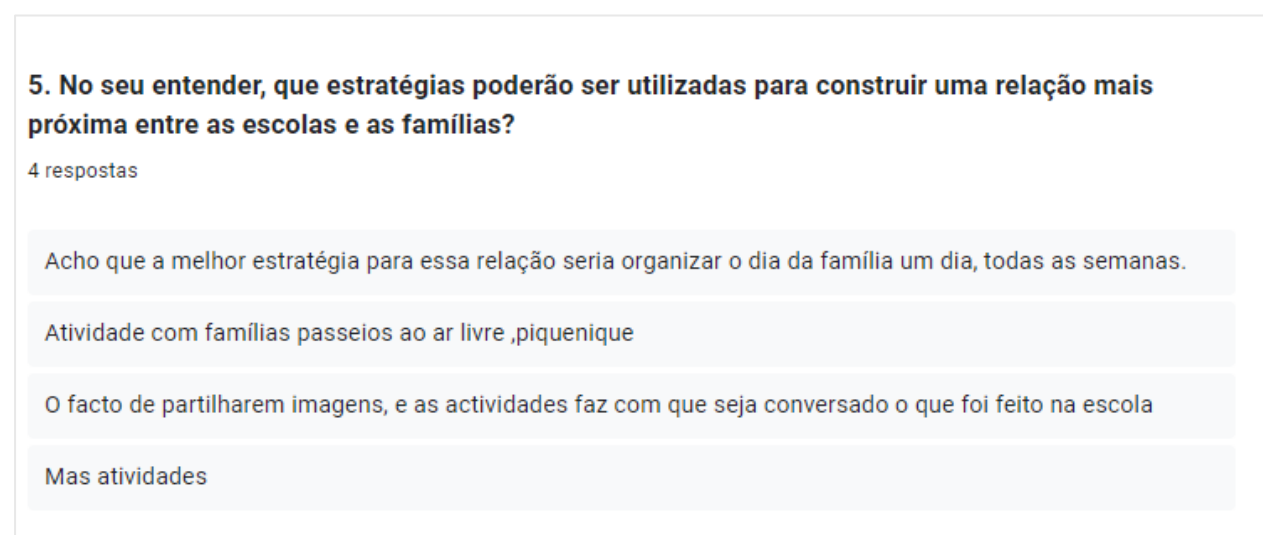


Figura 20

Análise das respostas obtidas.

